

Aula 00

*Prova Nacional Docente - PND (CNU
Professores) Curso para a Áreas de
Avaliação Específicas - Letras Português
(Portaria nº 326, de 26 de maio de 2025)
- 2026 (Pós-Edital)*

Autor:

Patrícia Manzato Moises

04 de Junho de 2026

Índice

1) Apresentação do Curso	3
2) Linguística - Concepções de língua e linguagem	4
3) Análise Linguística - Níveis de análise da língua	27
4) Formação histórica da língua portuguesa	55



APRESENTAÇÃO

Prezado Aluno, prezada Aluna!

Aqui, Profa. **Patrícia Manzato** e sou responsável pela elaboração e atualização dos PDFs, pelas respostas ao fórum de dúvidas e a gravação de videoaulas.

Primeiramente, gostaria de me apresentar:

*Tenho 39 anos, sou paulista, mas atualmente trabalho em Brasília-DF, na Câmara Legislativa do Distrito Federal (um dos melhores órgãos para se trabalhar no DF). Graduada em **Letras** pela **Universidade de São Paulo** e pela **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sou Especialista e **Mestre** em Letras, também pela USP.*

Tenho experiência no campo dos concursos públicos desde 2015 e **já fui aprovada em 17 certames**, nos mais diversos cargos municipais, estaduais e federais. Dentre eles, destaco os da área da Educação: **UNESP** (aprovada em 2º lugar), **FAPESP** e **Instituto Paula Souza** (3º lugar).

Tenha uma certeza: trabalharei com muita dedicação para levar o que há de melhor na área de Ensino para você. Espero poder contribuir para sua aprovação! Para isso, vamos trabalhar com uma teoria objetiva e muitas questões recentes!!!

Não custa lembrar: aqui no Estratégia, nosso foco é a **Sua Aprovação** e, por isso, preparamos cursos e materiais de altíssima qualidade, que lhe dará maior vantagem competitiva frente ao concurso que deseja.

Um grande abraço e bons estudos,

Prof. Patrícia Manzato

Para **tirar dúvidas** e ter acesso a **dicas e conteúdo gratuitos**, acesse



@prof.patriciamanzato



NOÇÕES INICIAIS

Fala, pessoal!

Estamos iniciando uma aula que traz noções gerais sobre uma ciência que está por trás de todo o trabalho de quem lida com o ensino de línguas: a **Linguística**.

A preocupação, e até mesmo curiosidade, com a **linguagem** sempre fez parte da História da Humanidade, quer ela seja contada do ponto de vista religioso, quer do histórico-científico. A partir do momento em que o homem passou a viver em sociedade, com seus semelhantes, a **língua** teve um papel aglutinador, pois é o código que permitia a comunicação entre todos os seres da comunidade.

Para tanto, trataremos de assuntos que englobam conceitos de Língua, Linguagem, Fala, adentrando em aspectos de níveis de linguagem.

Esses são, com certeza, os principais pontos que você vai precisar saber para a sua prova em relação aos **Fundamentos de Língua e Linguagem**.

Pois bem, vamos nos aprofundar no assunto e resolver questões recentes para que você consiga consolidar esse assunto e acertar as questões em sua prova.

Vem comigo!

Grande abraço e ótimos estudos!

Prof^a Patrícia Manzato



LINGÜÍSTICA

A **Linguística** é uma ciência que trabalha com conhecimentos que já possuímos, ou de noções sobre as quais já estudamos e que parecem ser de fácil apreensão, quais sejam **linguagem** e **língua**.

O conhecimento técnico da Linguística se assemelha a algumas noções que já possuímos:

- ✓ Normas sociais da fala;
- ✓ Diferença entre uma língua e outros sistemas de comunicação;
- ✓ Sistematização da língua.

Ela se ocupa com questões que provavelmente não incomodariam o usuário comum da língua, como é o caso dos estudos de evolução da língua (português e suas origens a partir do latim, por exemplo) ou ainda como a capacidade da linguagem evoluiu na espécie humana.

Assim, são preocupações da Linguística:

- ✓ como a língua se estrutura genericamente;
- ✓ análises morfofossintáticas e de estrutura interna;
- ✓ como um falante sai de um estado em que virtualmente não conhece sua língua materna (porque é bebê, por exemplo) e passa ao estado em que domina as estruturas de sua língua;
- ✓ como adquirimos e desenvolvemos conhecimentos linguísticos.

Breve histórico

O interesse pela linguagem não é recente. Desde a Antiguidade, filósofos e gramáticos já se debruçavam sobre questões relacionadas à origem, estrutura e função da linguagem.

No entanto, a **Linguística como disciplina autônoma e científica** é um desenvolvimento mais recente, consolidado a partir do século XIX e, principalmente, no século XX.

Se olharmos para a **Antiguidade e Idade Média**, veremos que os estudos linguísticos eram, em grande parte, de natureza filosófica e gramatical. Na Grécia Antiga, Platão e Aristóteles discutiam a relação entre palavras e coisas, e a lógica da linguagem. Na Índia, gramáticos como Pāṇini (século V a.C.) desenvolveram descrições detalhadas e sistemáticas do sânscrito, que são notáveis pela sua precisão e rigor.

Durante a Idade Média, a gramática latina e a filosofia da linguagem continuaram a ser estudadas, muitas vezes sob uma perspectiva teológica.



Já no *Renascimento e Iluminismo*, o interesse pelas línguas clássicas e o surgimento das línguas nacionais impulsionaram estudos comparativos e descritivos. Pensadores como Port-Royal (século XVII) buscaram uma gramática universal, baseada na razão, que subjazia a todas as línguas.

No século XVIII, a descoberta do sânscrito por William Jones abriu caminho para a *Linguística Histórico-comparativa*.

Então percebeu-se que, em termos cronológicos, *até o século XIX*, predominavam os trabalhos linguísticos que visavam à comparação entre diferentes línguas, ao longo da história. Assim, eram objetivos desses estudos:

- ✓ tentativas de agrupamentos de línguas em famílias;
- ✓ descoberta de relações entre as línguas;
- ✓ reconstituição da língua primitiva.

Os estudos não foram muito para frente, principalmente devido à influência religiosa no mundo ocidental: essa influência impunha a hipótese de que o hebraico era a língua fonte de todas as demais línguas, porque era a língua do Novo Testamento.

Mas hoje sabemos que essa hipótese não era correta:

A língua protoindo-europeia (PIE) é o ancestral comum hipotético das línguas indo-europeias, tal como era falado há cerca de 5000 anos, pelos indo-europeus, provavelmente nas proximidades do mar Negro, cuja denominação original era Ponto Euxino.

A hipótese foi construída pelos linguistas a partir do início do século XIX., por meio da observação das similaridades e diferenças sistemáticas das línguas indo-europeias.

Durante o século XIX, nasceu a *Linguística Histórico-Comparativa*, período que foi considerado o *berço da Linguística moderna*. O foco principal era a reconstrução de línguas ancestrais (como o protoindo-europeu) e o estabelecimento de famílias linguísticas, a partir da comparação sistemática de línguas e da identificação de correspondências sonoras e morfológicas.

Nomes como Franz Bopp, Jacob Grimm e August Schleicher foram proeminentes, buscando leis fonéticas e regularidades nas mudanças linguísticas. Essa abordagem era predominantemente diacrônica, ou seja, preocupada com a evolução da língua no tempo.

Assim, foi efetivamente a partir do século XX que os estudos linguísticos ganham maior destaque e importância, inclusive por meio de seus grandes representantes, começando por Ferdinand Saussure.

Pois bem, dizemos, então que o século XX foi o "*Giro Linguístico*" e o nascimento da *Linguística Estrutural*. O grande marco do século XX é, de fato, a obra de Ferdinand de Saussure, "Curso de Linguística Geral".

Saussure propôs uma nova forma de abordar a linguagem, focando na língua como um sistema de signos autônomo e inter-relacionado, estudado em um dado momento (sincronia), em oposição à perspectiva histórica (diacronia). Essa mudança de paradigma, conhecida como *Estruturalismo Linguístico*, influenciou profundamente não apenas a Linguística, mas também outras ciências humanas.



Antes de falarmos sobre os principais nomes da Linguística, vamos entender uma dicotomia que funda os estudos linguísticos:

Diacronia x Sincronia

Para compreender e caminhar pelos estudos linguísticos, precisamos olhar com cuidado para esses dois conceitos dicotômicos.

A partir dos linguistas estruturalistas (início do século XX), começou-se a postular que estudar uma língua não significava apenas perceber sua evolução no tempo, mas sim as relações internas que estabelece num dado momento do tempo.

O postulado acima traz em sua essência exatamente a diferença entre sincronia e diacronia:

✚ **Diacronia** se refere ao estudo *cronológico*, no eixo da sucessividade, em uma determinada linha evolutiva no tempo.

✚ **Sincronia** se refere ao estudo voltado para *dentro da língua*, no eixo da *simultaneidade*, como uma observação dos fatos linguísticos coexistentes em um mesmo sistema.

Veja que essa dicotomia expande os estudos linguísticos que, até o século XIX, estavam focados em uma perspectiva evolutiva, ou seja, diacrônica.

Dessa forma, entenda que a *perspectiva sincrônica* olha para o funcionamento da língua em um dado momento, para uma análise mais minuciosa de sua estrutura.

Exemplos de Análise Sincrônica:

1. Concordância verbal no Português Contemporâneo:

Analisar as regras de concordância verbal em textos atuais, como a concordância do verbo com o sujeito, a concordância com o sujeito composto etc., sem se preocupar com como essas regras se desenvolveram historicamente.

2. Uso de Gírias e Expressões Atuais:

Investigar o significado e o uso de gírias como "lacrou", "flopou" ou "sextou" na linguagem juvenil contemporânea.

Uma análise sincrônica se preocuparia com o sentido e a função dessas palavras no presente, e não com sua origem ou evolução.



3. Análise sintática de uma frase específica:

Desmembrar uma frase como "O professor de português explicou a matéria com clareza" em seus termos sintáticos (sujeito, predicado, objetos, adjuntos), focando na sua estrutura e relações internas no momento em que ela é proferida ou escrita.

Saussure, em sua obra, para explicar a perspectiva sincrônica, utiliza a metáfora do jogo de xadrez:

Em uma partida de xadrez, as diferentes peças do jogo mudam de lugar a cada lance, mas, em cada um desses lances, a disposição do jogo pode ser inteiramente descrita a partir da posição em que se encontra cada uma das peças.

Pelas regras do jogo, em dado momento, pouco importa saber sobre os lances jogados anteriormente, em que ordem eles se sucederam e, menos ainda, conhecer as transformações por que passaram as regras desse jogo ao longo de sua existência.

A mesma coisa acontece com as línguas: elas sofrem modificações constantemente, mas um linguista pode optar por mostrar o estado em que elas se encontram em dado momento.

Entendidos esses conceitos, podemos passar aos principais linguistas desse ramo da ciência:

Principais linguistas



Trago aqui os principais linguistas que praticamente construíram essa ciência. Seus conceitos e princípios ainda são utilizados até hoje e por isso precisamos olhar com um pouco mais de cuidado para suas obras:

Ferdinand de Saussure (1916)

Segundo o linguista de Genebra, a língua não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada e essencial dela.

É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Assim, ele entende que a *linguagem* é multiforme e heteróclita; a *língua*, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação, é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo.

Uma contribuição de Saussure para os estudos de linguagem é sua definição de *signo*. Para ele, o signo linguístico corresponde à união entre um *significado* e um *significante*.

Saussure afirmava que o *signo linguístico* une um conceito e uma imagem acústica.

Tanto *conceito* (ideia) quanto *imagem acústica* (grupo sonoro) são elementos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação.

Saussure também propôs duas características primordiais para os signos:

✓ **Arbitrariedade:**

A relação de associação que se estabelece entre significante e significado é totalmente imotivada.

Observe-se que a associação entre línguas diferentes é uma prova dessa arbitrariedade: não há qualquer relação válida entre “árvore”, em português, “tree”, em inglês. Isso é exatamente o *caráter arbitrário do signo*.

✓ **Caráter linear do significante**

Isso significa dizer que, por ser de natureza auditiva, o significante tem uma extensão no tempo, isto é, não se pronunciam, ao mesmo tempo, dois sons diferentes. Se observarmos uma sequência discursiva, uma frase, veremos que nela as palavras estão dispostas uma em seguida da outra, não havendo possibilidade de produção simultânea de palavras distintas.

Por fim, a última contribuição que traremos aqui de Saussure é a noção de *sintagma* e *paradigma*.

De cara, sintagma e paradigma são *movimentos* da linguagem.

Em uma frase....



- os elementos linguísticos estão dispostos em uma sequência (frase)

=> relação sintagmática

- quando um adjetivo se relaciona com o substantivo e tem como consequência a flexão (de gênero ou número)

=> relação sintagmática

Portanto....

O *sintagma* é um conjunto de elementos dispostos lado a lado que conservam relações muito estreitas entre si e é constituído de signos linguísticos dispostos sobre o *eixo da horizontalidade*.

Como eles são regidos pelo princípio da linearidade, os termos devem vir uns atrás dos outros em uma sequência linear (não se fala duas palavras ao mesmo tempo).

PORÉM....

Quando se observa a *relação dos elementos linguísticos com outros* que poderiam ocupar as *mesmas posições* que eles ocupam na sequência em que se manifestam, diz-se que cada um dos elementos mantém entre si uma *relação paradigmática*.

Estamos aqui no *eixo da verticalidade*.

Em uma frase...

- no lugar de “o bom garoto”, poderíamos falar ou escrever “o bom estudante” ou “o bom velhinho”

=> relação paradigmática

A compreensão dessas relações é fundamental para a análise sintática e semântica, e para a própria produção textual, pois o falante constantemente faz escolhas paradigmáticas (selecionando palavras) e as organiza sintagmaticamente (construindo frases).

Mikhail Bakhtin (1929)

Bakhtin afirmava que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal.

Ele defendia que a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.

É ele um dos precursores da *Teoria da Enunciação*.

A Teoria da Enunciação tem o russo M. Bakhtin como seu precursor, sendo impulsionada pelo francês E. Benveniste.



A Teoria defende que é preciso levar em conta a enunciação – ou seja, o evento único de produção do enunciado – ao mesmo tempo que se preocupa com outras questões. Aqui, o importante são as condições de produção: tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetivos da interlocução.

A *concepção de linguagem* desenvolvida por Bakhtin parte de crítica às principais linhas teóricas da linguística moderna, que consideram a linguagem um sistema abstrato de formas.

Para ele, o estudo da linguagem é complexo e deve levar em consideração o contexto social.

É Bakhtin também que funda o conceito de *dialogismo*, utilizado até hoje nos Ciências Humanas e na Psicologia Social.

Para Bakhtin, toda enunciação é dialógica, ou seja, está sempre em relação com outras enunciações, anteriores e futuras. Ele considera a *interação verbal* como categoria essencial da concepção de linguagem, tendo um caráter puramente dialógico. Lembre-se: “toda enunciação é um diálogo”.

Logo, a linguagem *não* é um *sistema abstrato*, mas um *espaço de interação e confronto de vozes*. O sentido de uma palavra ou enunciado não é fixo, mas construído na interação entre os interlocutores e em relação a outros discursos.

O *dialogismo* implica que a palavra está sempre “carregada” de sentidos alheios, de ecos de outros discursos. Polifonia: É a presença de *múltiplas vozes*, perspectivas e discursos dentro de um mesmo texto ou enunciado.

Já a *polifonia* não se refere apenas à presença de diferentes personagens falando, mas à coexistência de diferentes pontos de vista, ideologias e entonações que se entrecruzam no discurso.

O autor, ao produzir um texto, não é uma voz isolada, mas um orquestrador de vozes sociais que ecoam em sua fala. A polifonia é um conceito central para a *análise da intertextualidade e da heterogeneidade discursiva*.

A compreensão do dialogismo e da polifonia é crucial para a interpretação textual. Permite ao leitor identificar as diferentes vozes presentes em um texto (citações, alusões, paródias, ironias), as relações de sentido que se estabelecem entre elas e como essas vozes contribuem para a construção do significado global do texto. Ajuda a perceber que um texto nunca é neutro, mas um campo de disputa de sentidos.

Assim, não podemos pensar tal conceito sem trazer a importância que a alteridade (preocupação com o outro”) tem para esse conceito.

Por fim, o “*Círculo de Bakhtin*” refere-se a um grupo de intelectuais russos que, nas primeiras décadas do século XX, desenvolveram ideias inovadoras sobre a linguagem, a literatura e a cultura. Embora Bakhtin seja a figura central, outros membros importantes incluem *Valentin Volóchinov* e *Pavel Medviédev*.

O pensamento do Círculo é marcado por uma visão dialógica e social da linguagem. Em conjunto, oferece uma poderosa ferramenta para a análise crítica de discursos, textos literários e fenômenos culturais, enfatizando a dimensão social, ideológica e dialógica da linguagem.

Valentin Volóchinov, em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, defende que a linguagem é um fenômeno ideológico e que o signo é uma arena de luta de classes. Ele enfatiza a natureza social da linguagem e a importância do contexto na produção de sentido.



Pavel Medviédev, em “O Método Formal na Ciência da Literatura”, aplica os princípios do Círculo à teoria literária, criticando o formalismo e defendendo que a obra literária é um fenômeno social e ideológico. Implicações:



(CÂMARA ITAPISSUNA / Redator de Ata / 2024)

Na teoria da linguagem, especialmente no contexto do dialogismo, qual termo refere-se à presença de vozes múltiplas e distintas dentro de um texto, contribuindo para a complexidade e diversidade enunciativa? Assinale a alternativa correta.

- A) Polissíndeto
- B) Políptoto
- C) Polissêmico
- D) Polidialogicidade
- E) Polifonia.

Comentários:

Quando, na Teoria de Bakhtin, nos referimos ao dialogismo e às múltiplas vozes presentes no discurso, falamos claramente em “polifonia”.

Polissêmico é a possibilidade de uma situação comunicativa ter mais de um sentido.

Polissíndeto são os conectivos que ligam as orações coordenadas.

Políptoto e *polidialogicidade* não se referem à Linguística.

Portanto, Gabarito Letra E.

(CÂMARA ITAPISSUNA / Redator de Ata / 2024)

Qual a diferença entre enunciado e enunciação? Assinale a alternativa correta.

- A) Enunciado é o discurso concreto, enquanto a enunciação é o processo individual de produção desse discurso e sua utilização.
- B) Enunciado e enunciação são termos intercambiáveis e podem ser utilizados como sinônimos.
- C) O enunciado é o resultado da linguagem escrita, enquanto a enunciação está relacionada à linguagem oral.
- D) Enunciado é o discurso subjetivo, enquanto a enunciação é o processo social de produção desse discurso e sua utilização.
- E) Enunciado é o discurso imaginário, enquanto a enunciação é o processo individual de produção desse discurso e sua utilização.

Comentários:



Questão direta, mas minuciosa.

Enunciado é o ato concreto de fala.

Enunciação é o processo em si, que leva em consideração os aspectos comunicativos de fala.

Portanto, Gabarito Letra A.

Edward Sapir (1929)

Segundo o autor, a linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem ideias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos.

Para Sapir, o conceito de **linguagem** perpassa a representação que uma determinada comunidade faz de sua cultura, através dos símbolos que utiliza. Em seus estudos, desenvolveu o que ficou conhecido como **Hipótese Sapir-Whorf**.

A Hipótese Sapir-Whorf postula que a língua que falamos influencia (ou até determina) a forma como pensamos e percebemos o mundo. Existem duas versões da hipótese:

a. Determinismo Linguístico: a língua determina o pensamento.

Nossos pensamentos são limitados pelas categorias e estruturas da nossa língua. Se uma língua não possui uma palavra ou estrutura para um conceito, seus falantes não conseguiriam pensar nesse conceito.

b. Relativismo Linguístico: a língua influencia o pensamento e a percepção.

As categorias e estruturas da nossa língua nos predis põem a prestar atenção a certas características do mundo e a interpretá-las de uma determinada maneira, mas não nos impedem de pensar de outras formas. É uma influência, não uma determinação rígida.

Um exemplo clássico dentro da Hipótese é a questão das cores: algumas línguas não distinguem entre azul e verde, ou têm menos termos para cores do que outras. A hipótese sugere que isso poderia influenciar a percepção das cores pelos falantes.

A **língua** é, portanto, uma categorização simbólica organizada.

Sapir defende a hipótese de que nós recortamos a natureza, a organizamos em conceitos e atribuímo-lhes significações porque convencionamos culturalmente organizá-la dessa forma. Essa convenção faz parte de um **contrato** que se mantém através de nossa comunidade linguística e está codificado nos padrões de nossa língua.

Sapir faz parte da corrente que chamamos de “**relativismo linguístico**”, que acreditava que toda e qualquer categorização do mundo descenderia diretamente das línguas faladas pelos indivíduos, sem considerar contextos ou até mesmo uma estrutura pré-existente.

Contudo, o **determinismo linguístico** é amplamente rejeitado pela Linguística contemporânea, pois não há evidências de que a língua limite o pensamento. Já o **relativismo linguístico** ainda é objeto de estudo e



debate, reconhecendo que a língua pode, de fato, influenciar a cognição e a percepção, mas não de forma absoluta.

A Hipótese Sapir-Whorf nos lembra que a linguagem não é um mero espelho da realidade, mas uma lente através da qual a realidade é construída e interpretada. Ao analisar um texto, é importante considerar como as escolhas lexicais e gramaticais do autor podem refletir ou tentar moldar a percepção do leitor sobre o mundo.

Noam Chomsky (1957)

Para ele, a linguagem é um componente da mente/cérebro humanos especificamente dedicada ao conhecimento e uso da língua. A faculdade da linguagem é o órgão da linguagem. A língua é então um estado dessa faculdade.

A visão que ele tem da linguagem é bastante diferente dos demais: linguagem é um conjunto (finito ou infinito) de sentenças. Cada sentença é finita em seu comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos. Essa já era uma perspectiva do século XVII, com Alexander von Humboldt.

A propriedade de *infinitude discreta da linguagem* é comparável àquela dos números naturais, ou seja, elementos discretos (símbolos oponíveis entre si) combinam-se produzindo todas as possibilidades de números existentes.

Foi ele quem desenvolveu a *Teoria da Gramática Gerativa*.

Chomsky acredita que o conhecimento da linguagem é individual e interno à mente e ao cérebro humanos. Por isso, a criança não precisa aprender as propriedades da língua a que está exposta, apenas seleciona opções específicas de um conjunto pré-determinado.

A teoria da linguagem dessa criança é a gramática de sua língua, ou seja, pela teoria busca-se descrever o conhecimento linguístico inato que um falante nativo possui de sua língua.

Para Chomsky, a gramática de uma língua é um sistema de regras finito que permite gerar (produzir) e compreender um número infinito de sentenças gramaticalmente corretas. O objetivo da Gramática Gerativa é explicitar esse conhecimento implícito que o falante tem.

Outro conceito importantíssimo é o do *inatismo*: Chomsky argumenta que a capacidade humana para a linguagem é inata, ou seja, nascemos com uma "Gramática Universal" (GU) pré-programada em nossa mente. Essa GU consiste em princípios e parâmetros universais que governam todas as línguas humanas.

A criança, ao ser exposta à sua língua materna, não precisa aprender a linguagem do zero, mas sim "ajustar" os parâmetros da GU de acordo com as especificidades da língua a que está exposta. Isso explicaria a rapidez e a facilidade com que as crianças adquirem a linguagem, mesmo com um input linguístico limitado.

Dentro da GU, a diferenciação de competência e desempenho traz bases para a teoria::



- a. **Competência:** é o conhecimento implícito e abstrato que o falante-ouvinte ideal tem de sua língua. É a capacidade inata de produzir e compreender sentenças gramaticalmente corretas.
- b. **Desempenho:** é o uso real da língua em situações concretas. O desempenho pode ser afetado por fatores extralinguísticos, como cansaço, lapsos de memória, ruídos etc.

Para Chomsky, o objeto de estudo da Linguística é a *competência*.

Entenda que a teoria de Chomsky deslocou o foco da Linguística da descrição das línguas para a explicação da faculdade da linguagem humana. Teve um impacto profundo na Psicolinguística e na Ciência Cognitiva, ao postular a existência de estruturas mentais inatas para a linguagem.

Contudo, há críticas fortes sobre esse modelo, dentre elas:

I. Desconsideração do Contexto Social:

Críticos argumentam que o Gerativismo negligencia o papel do contexto social, da interação e da variação linguística na aquisição e no uso da linguagem. Ao focar na competência do "falante-ouvinte ideal", a teoria se afastaria da realidade da comunicação humana.

II. Ênfase Excessiva na Sintaxe:

O Gerativismo foi criticado por dar primazia à sintaxe em detrimento da semântica e da pragmática. Muitos linguistas funcionalistas e cognitivistas argumentam que o significado e o uso da linguagem são tão ou mais importantes do que a estrutura gramatical.

III. Dificuldade de Teste Empírico:

A natureza abstrata da Gramática Universal e da competência torna difícil a sua comprovação empírica direta. As evidências são muitas vezes indiretas, baseadas na observação da aquisição da linguagem e na universalidade de certas estruturas.

IV. Modelo Reducionista:

Alguns críticos consideram o modelo chomskyano reducionista, pois não explicaria a complexidade da comunicação humana, que envolve não apenas a gramática, mas também a intencionalidade, a inferência, o conhecimento de mundo e as relações sociais.

Carlos Franchi (1977)

Toda a teoria do brasileiro se baseia no postulado de que "*a língua é atividade constitutiva*".

Para Franchi, a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação ou um sistema de representação do pensamento, mas uma atividade constitutiva da própria realidade humana. Isso significa que a linguagem não apenas reflete o mundo, mas o constrói e o organiza.

Através da linguagem, os seres humanos constituem seu conhecimento, suas relações sociais, sua identidade e sua própria subjetividade.

Essa abordagem traz algumas implicações para o trabalho com a linguagem. Vejamos alguns deles:



- A linguagem é intrínseca à formação do conhecimento.

Não pensamos sem linguagem; a linguagem estrutura nosso pensamento e nossa compreensão do mundo.

- A linguagem é o meio pelo qual as interações sociais acontecem.

É na e pela linguagem que agimos sobre o outro, persuadimos, informamos, expressamos emoções, etc.

- A linguagem é fundamental para a constituição do sujeito.

É por meio da linguagem que nos tornamos seres sociais e que construímos nossa identidade.

- A linguagem não é um espelho da realidade, mas uma ferramenta ativa na sua construção.

Isso porque diferentes formas de dizer podem construir diferentes realidades.

Note que essa noção de linguagem de Carlos Franchi extrapola os limites estruturais, comunicativos e cognitivos dentro dos quais a língua havia sido pensada. Para ele, a língua é muito mais do que uma simples mediadora do conhecimento e muito mais do que um instrumento de comunicação ou um modo de interação humana.

Por isso que ele afirma que a língua é constitutiva de nosso conhecimento.

Como atividade constitutiva, a linguagem é incontornável e imprescindível das relações e ações humanas, fazendo parte de nossa natureza e ativamente modelando nossa comunicação, nosso pensamento, nossa interação.

Os estudos de Franchi convergem para outro grande linguista brasileiro, Luiz Antônio Marcuschi. Ambos compartilhavam uma visão da linguagem como interação e como atividade constitutiva, e suas obras se complementam na abordagem da Linguística Textual e dos gêneros do discurso.

Luiz Antônio Marcuschi

Marcuschi é um dos maiores expoentes da **Linguística Textual** no Brasil, com vasta produção sobre gêneros textuais, oralidade e escrita, e a relação entre linguagem e cognição.

Ele defendia que a linguagem é sempre situada e contextualizada, e que a compreensão e produção de textos dependem do conhecimento dos gêneros do discurso.

Os pontos de **convergência** com os trabalhos de **Carlos Franchi** são bastante latentes: tanto Franchi quanto Marcuschi enfatizam a dimensão social e interacional da linguagem, a importância do contexto na produção de sentido e o papel ativo do sujeito na construção do conhecimento através da linguagem.

Suas teorias são fundamentais para a compreensão da textualidade e da discursividade, e são amplamente utilizadas nos estudos de leitura e produção de textos no Brasil.

A combinação das ideias de Franchi e Marcuschi oferece um arcabouço teórico robusto para a análise de textos, permitindo ao professor e ao aluno compreenderem a linguagem não apenas em sua estrutura, mas em seu funcionamento real, em diferentes gêneros e contextos comunicativos.



LINGUAGEM X LÍNGUA X FALA

Os estudos sobre **Linguagem** trazem enorme complexidade, por isso, ao longo das décadas, muitos foram os linguistas que se debruçaram sobre esse conceito.

Assim, três conceitos são aceitos atualmente:

1. Linguagem como representação

Entre as principais concepções da linguagem humana no curso da História, a primeira e mais antiga delas interpreta a linguagem como expressão ou representação ("espelho") do mundo e do pensamento.

O ser humano, nessa concepção, representa para si o mundo por meio da linguagem.

Para essa vertente, um indivíduo que não pensasse, deixaria de se expressar bem, porque a **expressão** deveria ser construída no interior da mente - a instância de produção.

Ou seja, a **língua** é rebaixada a um patamar secundário, útil apenas por exteriorizar, traduzir o pensamento. Daí, a valorização das normas gramaticais do falar e do escrever "bem".

Nessa perspectiva, a **enunciação** (a ação de enunciar) põe-se como ato individual, independente do outro ou do contexto em que a enunciação ocorre.

É daqui, inclusive, que decorre a **gramática tradicional ou normativa**.

Essa visão da linguagem predominou na tradição filosófica e linguística até o século XX, influenciada por correntes como:

Racionalismo Cartesiano: defende que o pensamento precede a linguagem e que ela apenas expressa o raciocínio lógico interno ao indivíduo.

Estruturalismo de Saussure (em sua vertente inicial): embora Ferdinand de Saussure tenha revolucionado os estudos linguísticos, sua separação entre **língua (langue)** e **fala (parole)** reforçou a ideia de que a língua é um sistema fixo de signos, afastado da interação social e da variação contextual.

Gramática Tradicional e Normativa: baseada na ideia de que há uma única forma "correta" de usar a língua, derivada do **latim clássico** e das normas prescritas pelas gramáticas.

Ao longo do tempo, essa visão perdeu força com o avanço da **linguística descritiva e sociolinguística**, que passaram a analisar a linguagem como um fenômeno dinâmico, interativo e variável.

Em termos de representantes dessa concepção, percebemos raízes em pensadores clássicos e teóricos que influenciaram o ensino tradicional da língua:



Platão e Aristóteles: já na Antiguidade, Platão via a linguagem como uma tentativa de representação do mundo das ideias, enquanto Aristóteles a entendia como um reflexo do pensamento racional.

René Descartes: no século XVII, propôs que a linguagem era um reflexo do pensamento racional, reforçando a primazia do raciocínio lógico sobre a expressão linguística.

Ferdinand de Saussure (1916): embora tenha fundado a linguística moderna, sua ênfase na estrutura da língua contribuiu para a visão da linguagem como um sistema fechado, independente do contexto social.

No **contexto educacional e na sala de aula**, essa concepção ainda se manifesta em diversas práticas de ensino e avaliação da língua portuguesa. Vejamos alguns exemplos:

➤ **Ensino focado na gramática normativa**

O aprendizado da língua muitas vezes é reduzido ao ensino de regras gramaticais, com pouca ênfase no uso efetivo da linguagem em situações reais de comunicação. Por exemplo, exercícios que priorizam análise sintática e morfológica sem discutir a função social da linguagem.

➤ **Correção de textos sem considerar o contexto**

Um aluno que escreve "pra mim fazer" pode ser corrigido apenas com base na norma gramatical, sem que o professor explique que essa construção ocorre amplamente na oralidade e tem um funcionamento dentro do sistema da língua falada.

➤ **Memorização de definições linguísticas**

Muitas atividades reforçam o ensino mecânico, como definir o que é sujeito e predicado, sem promover a reflexão sobre como essas estruturas se aplicam na comunicação cotidiana.

➤ **Desvalorização da oralidade e de variedades linguísticas**

Em muitos casos, variantes populares ou regionais são tratadas como erros, e não como manifestações legítimas da diversidade linguística. Isso gera um preconceito linguístico que desconsidera a variação natural da língua.

2. Linguagem como instrumento de comunicação

Nessa concepção, a função da linguagem é a de **transmissão de informações**.

Para isso, precisamos da **língua** como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) - dominado pelos falantes, usado de modo semelhante, convencionado, preestabelecido, para garantir a eficácia daquela transmissão.

Assim, o **sistema linguístico** é externo à consciência do indivíduo.



Essa concepção da linguagem se alinha principalmente a duas correntes teóricas:

Estruturalismo Linguístico:

Influenciado pelos estudos de Ferdinand de Saussure, essa corrente analisa a língua como um sistema fechado de signos, no qual cada palavra tem um significado fixo dentro de um código compartilhado pelos falantes.

A comunicação ocorre de forma mecânica, baseada em regras predefinidas.

Funcionalismo Linguístico:

Diferente do estruturalismo, o funcionalismo se preocupa mais com o uso prático da língua do que com sua estrutura fixa.

Para autores funcionalistas, a linguagem é um instrumento adaptável que tem como principal objetivo facilitar a comunicação.

Note que essa visão ainda é amplamente utilizada na educação tradicional, no ensino da gramática normativa e na análise de textos técnicos e formais.

Em termos de representantes dessa concepção, podemos trazer:

Ferdinand de Saussure (1857-1913): como já vimos, considerado o pai da linguística moderna, Saussure definiu a língua como um sistema de signos arbitrários, estruturado e compartilhado pelos falantes.

Para ele, a língua é um código externo, que os falantes devem aprender e usar corretamente para que a comunicação funcione.

Roman Jakobson (1896-1982): desenvolveu o conceito das **funções da linguagem**, destacando a função referencial, que prioriza a transmissão objetiva de informações.

Karl Bühler (1879-1963): criador da teoria do modelo "organon", que vê a linguagem como um instrumento de comunicação. Enfatizou que a comunicação só ocorre com um emissor, um receptor e um código compartilhado.

Noam Chomsky: desenvolveu a **Gramática Gerativa**, que considera a linguagem um sistema de regras estruturadas e inatas. Defende que a comunicação ocorre porque os falantes internalizam um sistema gramatical universal, permitindo-lhes construir frases gramaticalmente corretas.

No **contexto educacional e na sala de aula**, essa concepção da linguagem como instrumento de comunicação pode ser observada em várias situações do cotidiano e no ensino da língua portuguesa. Vejamos alguns exemplos:



➤ **Uso da linguagem em contextos informativos:**

Notícias de jornal, manuais de instrução, placas de trânsito e documentos oficiais são exemplos de comunicação focada na transmissão objetiva de informações.

➤ **Dentro da sala de aula de língua materna:**

Aulas que abordam interpretação de textos informativos e o uso correto da gramática enfatizam essa concepção.

Exercícios em que o aluno precisa interpretar textos técnicos, manuais ou instruções demonstram a função comunicativa da linguagem.

Métodos tradicionais de ensino muitas vezes priorizam a codificação e decodificação correta da língua, enfatizando regras gramaticais e ortográficas para garantir uma comunicação eficaz.

➤ **Falhas na comunicação:**

Ruídos comunicativos acontecem quando há problemas na transmissão da mensagem, como uso inadequado do código ou falta de clareza.

Exemplo: Um professor que dá instruções muito vagas sobre um trabalho escolar pode gerar confusão, pois a informação não foi transmitida de forma clara e eficiente.

Esses exemplos mostram como essa concepção da linguagem enfatiza a *objetividade* e a *padronização* do código linguístico para garantir uma comunicação eficiente.

3. Linguagem como processo de interação

Essa vertente considera que o indivíduo, ao fazer uso da língua, não exterioriza apenas o seu pensamento, nem transmite somente informações; mais do que isso, realiza ações, age, atua, orientado por determinada finalidade, sobre o outro.

A linguagem passa a ser vista como *lugar de interação*, inclusive comunicativa, a partir da produção, construção de efeitos de sentido entre os falantes, em certa situação de comunicação e em um contexto específico.

Emerge a ideia de *lugares sociais* (imagens construídas socialmente) onde há a prática de atos diversos, suscitando reações, comportamentos.

Assim, o *diálogo* é constituído como característica decisiva da linguagem. Tem-se uma perspectiva sedimentando o que se costuma chamar de gramática internalizada, conjunto de regras aprendido e usado na interação comunicativa, desenvolvendo a “competência textual/discursiva”, isto é, a capacidade de produzir e interpretar textos.



Essa concepção da linguagem como interação está associada a várias correntes da linguística e da filosofia da linguagem, com destaque para:

Sociolinguística: examina como a linguagem varia conforme fatores sociais e contextuais. William Labov demonstrou que a variação linguística tem relação direta com a identidade e o meio social dos falantes.

Análise do Discurso: estuda como os textos e discursos constroem sentidos dentro de relações de poder e práticas sociais.

Interacionismo Sociodiscursivo: propõe que a linguagem é sempre situada e contextualizada, sendo um meio pelo qual os indivíduos constroem suas relações sociais e significados.

Atualmente, essa visão é predominante nos estudos linguísticos e tem forte influência nos documentos educacionais brasileiros, como os **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)** e a **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, que orientam o ensino da língua portuguesa com foco na competência discursiva e textual.

Grandes linguistas, inclusive brasileiros, encabeçam essa vertente. Vejamos os principais:

Luiz Carlos Travaglia: enfatiza que a linguagem deve ser estudada em seu uso real, e não apenas como um conjunto de regras gramaticais. Ele defende a ideia de competência discursiva, ou seja, a capacidade de utilizar a língua de forma eficaz nos diferentes contextos de comunicação.

Ingedore Koch: estuda a **teoria da interação verbal**, destacando que a construção de sentido ocorre no diálogo, dentro de um contexto específico.

José Luiz Fiorin: especialista em análise do discurso e dialogismo, ressalta a importância dos gêneros discursivos na construção do significado.

Mikhail Bakhtin (1895-1975): criador do conceito de **dialogismo**, que afirma que toda enunciação ocorre em um contexto de interação e é influenciada por outros discursos anteriores e futuros.

Émile Benveniste (1902-1976): desenvolveu estudos sobre a relação entre sujeito e discurso, mostrando como a linguagem cria e define as identidades dos falantes.

William Labov: Fundador da **sociolinguística**, mostrou que a linguagem varia conforme o grupo social e a situação de comunicação.



Essa visão da linguagem pode ser observada em diferentes práticas comunicativas do dia a dia e também no ensino da língua portuguesa.

No Cotidiano, observamo-la claramente em:

➤ **Conversas informais:**

O significado de uma frase pode variar conforme o contexto e o tom de voz. Por exemplo, a expressão "você tá bem?" pode indicar preocupação genuína ou ironia, dependendo da situação.

➤ **Uso de redes sociais:**

As interações em comentários de postagens ou mensagens instantâneas são repletas de estratégias discursivas para gerar efeitos específicos (humor, crítica, ironia, persuasão).

Debates e discursos políticos: Os discursos não apenas informam, mas também mobilizam, influenciam e persuadem o público.

Já em sala de aula, sua aplicação é bastante aproveitada, trazendo as diretrizes da BNCC e dos PCNs:

➤ **Interpretação de textos e discursos:**

O professor pode pedir aos alunos que analisem um trecho de um discurso político ou publicitário, identificando a intenção do autor, o público-alvo e o efeito pretendido.

➤ **Práticas de produção textual:**

Em vez de focar apenas na correção gramatical, a abordagem interacionista incentiva os alunos a pensarem no propósito comunicativo do texto. Exemplo: ao escrever um artigo de opinião, o aluno deve considerar quem ele quer convencer e quais estratégias argumentativas usar.

➤ **Dramatizações e jogos de papéis:**

Atividades que simulam entrevistas, discussões ou julgamentos ajudam os alunos a perceber como a linguagem funciona na interação real e como os significados se ajustam de acordo com o contexto.

Note que esses exemplos mostram que a língua não é um sistema fechado de regras, mas um *fenômeno dinâmico*, que se adapta à situação e aos interlocutores.



(PREF. PASSOS / Professor / 2023)



As concepções da linguagem estão listadas nas alternativas a seguir, à exceção de uma. Assinale-a.

- A) forma de representação
- B) forma de integração
- C) forma de intercompreensão
- D) forma de oposição.

Comentário:

Questão direta.

Para a Linguística, a linguagem pode ser entendida como forma de representação (A), integração (B), intercompreensão ou inter-ação (C). Assim, não há em nenhum momento a ideia de oposição.

Portanto, gabarito Letra D.

(PREF. CAPELA DE SANTANA / Professor / 2023)

Em relação às concepções de linguagem, analisar a sentença abaixo:

A linguagem é a expressão do pensamento, e essa concepção ilumina, basicamente, os estudos tradicionais (1ª parte). Também se tem que a linguagem é instrumento de comunicação, e essa concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor certa mensagem (2ª parte).

A sentença está:

- A) Totalmente correta.
- B) Correta somente em sua 1ª parte.
- C) Correta somente em sua 2ª parte.
- D) Totalmente incorreta.

Comentário:

Na 1ª. parte, é destacada a concepção de linguagem como expressão do pensamento, o que remete aos estudos tradicionais da linguística. Essa perspectiva enfatiza a relação entre a linguagem e o pensamento individual, considerando a expressão verbal como uma manifestação direta dos processos mentais do falante.

Na 2ª. parte, é abordada a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, associada à teoria da comunicação. Nessa perspectiva, a linguagem é vista como um sistema de signos que serve como código para transmitir mensagens entre emissor e receptor. Essa visão destaca a função comunicativa da linguagem e sua capacidade de possibilitar a interação entre os indivíduos.

Logo, ambas as partes da sentença estão corretas, abordando duas concepções distintas de linguagem.

Portanto, gabarito Letra A.

Dois conceitos extremamente operacionais para a Linguística, e operacionalizados por Saussure, são os de *língua* e *fala*.



Língua

Corresponde ao próprio sistema de regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) que determina o emprego dos sons, das formas e relações sintáticas necessárias para a produção dos significados.

Ela existe na consciência de todo indivíduo que se comunica por meio de um código linguístico.

Como ela não é fruto da criação de um único indivíduo, mas sim de uma comunidade: a língua é um *conceito social*.

Note que a língua é abstrata e coletiva, definida como um “*código virtual*”. Essa, inclusive, é uma visão *formalista*, que valoriza o seu funcionamento interno.

Exemplo:

A língua portuguesa é, para os brasileiros, um conjunto de regras e normas que possibilitam que cada um dos habitantes deste país, o Brasil, possa valer-se dela para se comunicar com seus pares.

Note que:

- ✓ não há distinção entre alfabetizados e analfabetos;
- ✓ a língua está internalizada em seu cérebro;
- ✓ todo brasileiro é capaz de compreender um português e vice-versa;
- ✓ Embora haja diferenças de sotaque entre as regiões, o sistema de língua é o mesmo.

Fala

Considerada a *atualização da língua*, ou seja, é a parcela *concreta* e *individual* da língua, acionada por um falante em cada uma das situações concretas de comunicação a que é exposto.

A característica essencial da fala é a *liberdade de combinação*.

Mas, **CUIDADO!!!**

Embora se possa admitir que cada pessoa tenha um *tom de voz* diferente, uma maneira própria de *articular as palavras*, pode-se perceber que essas características não são totalmente individuais, pois dependem do grupo a que o indivíduo pertence, à região em que ele vive.

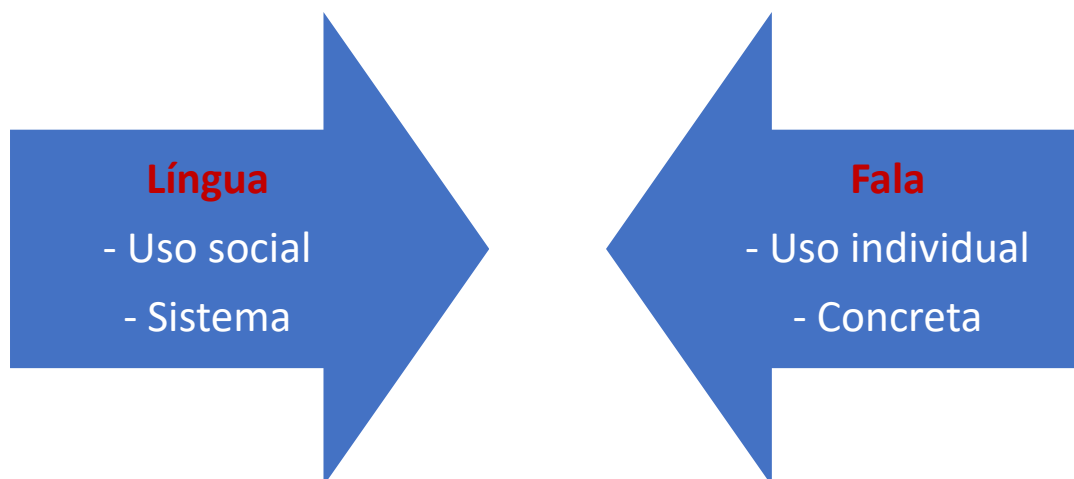
Exemplo:

Um grupo de jovens de uma determinada faixa de idade se comunica por meio da repetição de determinadas expressões fixas, as chamadas “gírias”.



Guardadas as devidas proporções, todos nós reproduzimos modos de falar próprios do *grupo social* a que pertencemos e aos quais estamos constantemente em exposição.

Resumindo....



(PREF. TURILÂNDIA / Professor / 2024)

Ferdinand de Saussure, em sua obra “curso de linguística geral” (1967), diz que a língua não se confunde com a linguagem. Analise as alternativas e marque a resposta correta acerca dos conceitos sobre língua e linguagem:

- A) A língua é um produto social da faculdade da linguagem, um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir a prática dessa faculdade pelos indivíduos;
- B) A língua tem uma característica filosófica, é um sistema de signos que exprimem ideias; é social, abstrata, psíquica e coletiva, é constituída por um código de regras e estruturas que todo indivíduo assimila da comunidade de que faz parte;
- C) A língua não se fomenta como um repertório constituído pelas possibilidades que são oferecidas aos seus utilizadores.
- D) A língua deixou de ser, para Saussure, um sistema de signos, – um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo;
- E) A língua essencialmente é marcada pela característica individual, instável, dinâmica, passageira, efêmera. É o modo de usar a língua por cada indivíduo. A língua é heterogênea, física.

Comentário:



Para Saussure, a língua é produção social, que traz elementos estruturais (normas convencionadas) e elementos do meio em que é produzida. Já a linguagem é elemento abstrato, intrínseco ao ser humano.

Portanto, gabarito Letra A.



NOÇÕES INICIAIS

Fala, pessoal!

Estamos iniciando uma aula que traz noções fundamentais para a produção e análise de textos no processo de ensino/aprendizagem de língua materna.

Isso porque não podemos falar de análise linguística sem a unidade básica para tal análise, qual seja o **texto**.

Diferentemente do trabalho das aulas de gramática, mais tradicionais, que privilegiam as classificações e a correção linguística, a **análise linguística** se preocupa em auxiliar os alunos a dominar recursos linguísticos e a refletir sobre como palavras, expressões, construções e estratégias discursivas podem ser mais ou menos adequadas ao texto ou ao contexto em que ele está sendo produzido, auxiliando na **ampliação das capacidades de leitura e na produção textual dos alunos**.

Assim, a análise linguística tomando como objeto o próprio texto observará:

- gênero;
- tema em foco
- formalidade esperada
- eficácia argumentativa.

Assim, são basicamente os elementos acima que trabalharemos nesta aula, sempre com foco na sala de aula.

Pois bem, vamos nos aprofundar no assunto e resolver questões recentes para que você consiga consolidar esse assunto e acertar as questões em sua prova.

Vem comigo!

Grande abraço e ótimos estudos!

Profª Patrícia Manzato

ANÁLISE LINGUÍSTICA

A prática de análise linguística pode se converter numa ferramenta importante para auxiliar os alunos na produção de textos: podem melhorar seu texto e os conhecimentos linguísticos.

Vamos com um pouco de teoria?!



Quando falamos em Análise Linguística, o nome que devemos ter em mente é o do professor e linguista João Wanderley Geraldi. O termo “Análise Linguística” foi utilizado por ele pela primeira vez no artigo que escreveu para compor a obra “O texto na sala de aula”, em 1984, e trouxe um olhar diferente para o trabalho com a língua.

Vale lembrar aqui: até a década de 1980, utilizava-se a abordagem prescritiva da língua em sala de aula, ou seja, o foco recaía em ensinar regras condizentes à gramática normativa e conceituar os elementos da língua, partindo do fonema, avançando para a palavra e expandindo até a frase.

Então, em 1984, Geraldi trouxe uma nova perspectiva:

O uso da expressão “análise linguística” não se deve ao mero gosto por novas terminologias. A análise linguística inclui tanto o trabalho sobre as questões tradicionais da gramática quanto amplas a propósito do texto, entre as quais vale a pena citar: coesão e coerência internas do texto; adequação do texto aos objetivos pretendidos, análise dos recursos expressivos utilizados (metáforas, metonímias, paráfrases, citações, discurso direto e indireto etc.); organização e inclusão de informações etc. Essencialmente, a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a “correções”. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores que se destina

GERALDI, “O texto na sala de aula”, 1984, p.74

Veja que o diferencial proposto por Geraldi era a ênfase do trabalho com a reescrita, com o propósito de provocar práticas reflexivas, ou seja, a língua em sala de aula não se restringiria à metalinguagem ou ao ensino da gramática, mas envolveria a leitura, a produção e a reescrita de textos, por meio de um trabalho de reflexão sobre os recursos linguísticos.

Atualmente, a Análise Linguística está inserida nos documentos oficiais de ensino, em especial nos PCNs, que propõem um trabalho com os gêneros textuais, polarizando, primeiramente, os que fazem parte da esfera cotidiana do aluno, ampliando esse repertório para os gêneros de outras esferas, os quais podem ser utilizados pelos alunos em futuras situações de interação (profissionais, cotidianas etc).

É importante destacar que a Análise Linguística começa em um *nível mais “visíveis” do texto*, como a convenções da escrita e atendimento à norma linguística (ortografia, marcação de parágrafos, uso de letras maiúsculas, concordância, regência etc).

Mas não se pode esquecer do *nível mais complexo*, que abrangem unidades maiores (parágrafo ou o texto como um todo) e aspectos do discurso (registros de linguagem para determinado gênero).

Exemplo: é inadequado o uso do verbo "ordenar" para fazer uma solicitação em uma carta formal, dirigida a uma autoridade.

Essa análise perpassa elementos que estão além do nível visível: avaliação quanto ao seu uso remete à situação comunicativa como um todo: gênero carta formal; interlocutor a quem se dirige; e finalidade dessa carta.





(IF-SERTÃO-PE / PROFESSOR / 2019)

“Para o desenvolvimento de atividades significativas que envolvam Análise Linguística, faz-se de muita relevância o trabalho com os gêneros textuais. A análise Linguística, considerando esses elementos pedagógicos, torna viável a compreensão de funcionamento de gêneros como notícias, poemas, receitas etc., por meio de reflexão de aspectos linguísticos e discursivos que os constituem.

(...)

Ao abordar questões de Análise Linguística considerando os gêneros textuais, abre-se espaço para mobilização de conteúdos e conhecimentos que são pertinentes a várias áreas das Ciências da Linguagem, como: Análise do Discurso, Linguística Aplicada, Linguística de Texto, dentre outras.”

(ALVES, Rosana Ferreira. Ensino de gramática no cenário atual: impactos de princípios e parâmetros ao longo de três décadas. In: Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 20, n. 2, p. 277-307, jul./dez. 2017.).

Da leitura do texto acima, é possível afirmar que:

- A) A concepção presente é a de que a análise linguística e o ensino da Gramática Normativa são a mesma coisa, mudando apenas a terminologia.
- B) A análise linguística é abordada ao mesmo tempo como elucidativa do ensino da Gramática Normativa e dos estudos do discurso.
- C) A análise linguística é unicamente concebida como partida dos estudos do discurso, pautados tão somente na Análise do Discurso.
- D) O discurso aparece dissociado da análise linguística, dos gêneros textuais e, apenas, se fixa na borda dos estudos da Gramática Normativa.
- E) Deixa escapar que os gêneros textuais são aliados eficazes no trabalho de análise linguística, vez que esta passa a atribuir sentido à função dos gêneros como instrumentos, de fato, de mediações sociais.

Comentários:

Vejamos as alternativas:

- (A) **ERRADA.** O texto não traz nenhum tipo de abordagem da Gramática Normativa.
- (B) **ERRADA.** O texto não traz nenhum tipo de abordagem da Gramática Normativa.
- (C) **ERRADA.** O segundo parágrafo traz uma abordagem mais ampla do que apenas a Análise do Discurso para a Análise Linguística.
- (D) **ERRADA.** De acordo com o texto, gêneros textuais são ferramentas para a Análise Linguística.
- (E) **CERTA.** Da ideia da “reflexão de aspectos linguísticos e discursivos” que constituem os textos infere-se a função sociointeracional dos gêneros. Portanto, gabarito Letra E.





NÍVEIS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

A língua é um sistema complexo e estruturado que pode ser estudado em diferentes camadas, cada uma com suas próprias regras e características. Esses diferentes níveis de análise são utilizados para compreender como a linguagem funciona, desde os sons produzidos na fala até a construção de textos completos.

A **análise linguística** pode ser dividida em vários níveis, cada um focado em um aspecto específico da comunicação.

Em termos de teorias, os diversos autores convergem para uma organização em comum desses níveis de análise. Em geral, temos o seguinte:

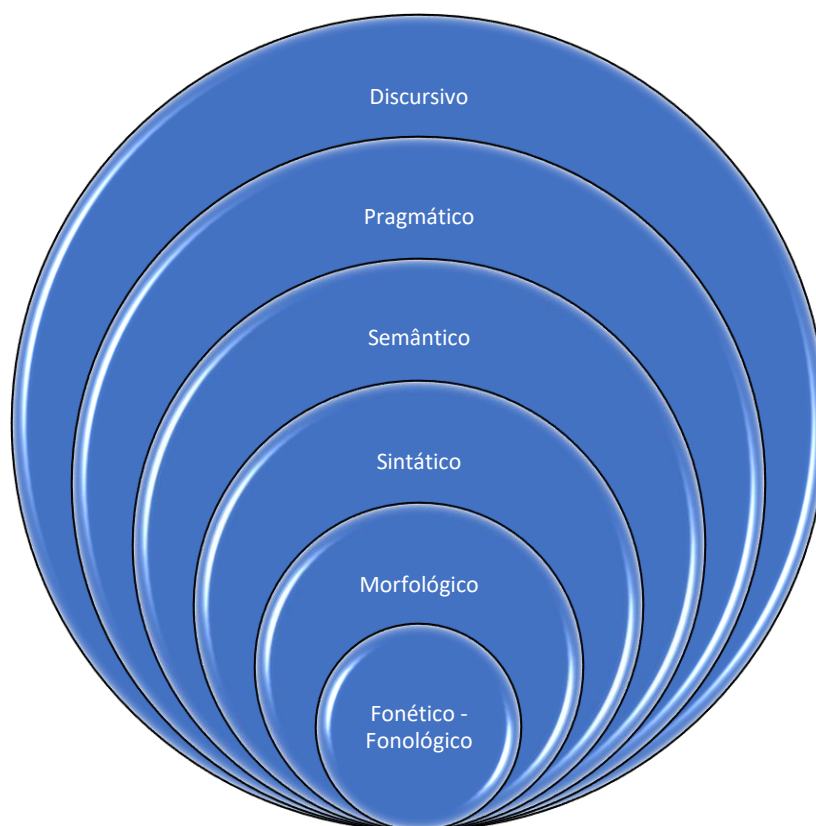
- ✓ **Fonético-Fonológico**: estuda os sons da língua.
- ✓ **Morfológico**: analisa a estrutura e formação das palavras.
- ✓ **Sintático**: examina a organização das palavras em frases.
- ✓ **Semântico**: trata do significado das palavras e sentenças.
- ✓ **Pragmático**: investiga a linguagem em uso, levando em conta o contexto social.
- ✓ **Discursivo**: observa a organização dos textos e a relação entre suas partes.

Cada um desses níveis é fundamental para a comunicação eficaz, pois permite compreender como construímos o sentido na língua e como interpretamos mensagens em diferentes situações.

E não se preocupe, em seguida, estudaremos cada um desses níveis em detalhes.

De forma, mais esquematizada, temos o seguinte:





Veja que passar pelos níveis de análise linguística é essencial para desenvolver habilidades completas do falante da língua, inclusive de leitura, escrita e interpretação.

Na prática, quando vamos nos aprofundando nos níveis, trazemos à superfície compreensão sobre, por exemplo:

- **Comunicação oral e escrita:** ao conhecer as regras de formação e organização da língua, evitamos ambiguidades e erros na comunicação.
- **Variações linguísticas:** o estudo da fonética e da pragmática permite perceber como a língua muda dependendo do ambiente e do falante.

Vamos para a prática?

Observe a oração:

O gato dormiu no sofá.

Em uma *análise fonético-fonológica*, fazemos os seguintes questionamentos:

Quais os sons envolvidos?

Como a pronúncia pode variar em diferentes regiões?

Em uma *análise morfológica*, identificamos os morfemas:



"gato" (radical)

"dormiu" (verbo conjugado no passado).

Em uma *análise sintática*, fazemos os seguintes questionamentos:

Quem é o sujeito?

Qual a função de cada termo na frase?

Em uma *análise semântica*, fazemos os seguintes questionamentos:

Qual o significado da frase?

Poderia haver duplo sentido?

Em uma *análise pragmática*, fazemos o seguinte questionamento:

Essa frase foi dita para relatar um fato ou para expressar impaciência com o animal?

Em uma *análise discursiva*, fazemos o seguinte questionamento:

Essa frase faz parte de um conto infantil, de uma notícia ou de uma conversa informal?

Perceba que os níveis de análise vão se complementando, de forma a interagirem e formar o sentido completo de uma mensagem.

Pois bem, agora vamos detalhar cada um desses níveis:

Níveis Fonético e Fonológico

A comunicação oral depende essencialmente da *produção e percepção dos sons da língua*. O estudo desses sons e de como eles se organizam no sistema linguístico pertence ao **nível fonético-fonológico** da análise linguística.

Esse nível é dividido em duas áreas principais:

- ✓ **Fonética**: estuda a *produção física dos sons* da fala, ou seja, como os sons são articulados e percebidos.
- ✓ **Fonologia**: estuda o *funcionamento dos sons dentro do sistema linguístico*, ou seja, como os sons se organizam para formar palavras e estabelecer diferenças de significado.

Por exemplo:



Como podemos distinguir a palavra "pato" da palavra "bato"?

O som de /p/ e /b/ faz toda a diferença no significado, certo? Isso é um exemplo de **fonologia**.

Como podemos distinguir a pronúncia da palavra "porta" dita por um carioca e por um paulista?

Uma pessoa do interior de São Paulo pronuncia "porta" de forma diferente de alguém do Rio de Janeiro. Esse é um fenômeno **fonético**.

Fonética

A **fonética** examina como os sons da fala são produzidos e como variam em diferentes contextos. Ela se divide em três ramos principais:

- ✓ **Fonética Articulatória**: estuda como os órgãos da fala (língua, lábios, dentes, cordas vocais) produzem os sons.
- ✓ **Fonética Acústica**: analisa os sons como ondas sonoras, considerando sua frequência, duração e intensidade.
- ✓ **Fonética Auditiva**: investiga como o ouvido humano percebe e interpreta os sons da fala.

É papel da fonética, por exemplo, diferenciar sons surdos e sonoros:

- ✓ **Surdos**: produzidos sem vibração das cordas vocais => /p/ /t/ /k/.
- ✓ **Sonoros**: produzidos com vibração das cordas vocais => /b/ /d/ /g/.

Fonologia

Enquanto a fonética estuda como os sons são fisicamente produzidos, a fonologia analisa **como esses sons se organizam para formar palavras e transmitir significados**.

O **fonema** é a menor unidade sonora da língua que diferencia palavras.

Vejamos:

"mato" x "gato"

Apenas a troca do /m/ pelo /g/ muda completamente o significado da palavra.

Logo, sabemos que /m/ e /g/ são **fonemas distintos**, pois alteram o sentido.

Alfabeto Fonético Internacional (AFI)

Os fonemas são representados por símbolos universais no **Alfabeto Fonético Internacional (IPA - International Phonetic Alphabet)**, permitindo registrar sons de qualquer língua.

Exemplo:



/p/ → como em "pato"

/b/ → como em "bato"

/ʃ/ → como em "chave"

Não vamos nos aprofundar aqui nesse assunto, pois não é tema de cobrança em sua prova ok?!

Agora, quando lidamos com a análise linguística neste nível fonético-fonológico, sua banca pode questionar sobre **fenômenos fonológicos** que podem acontecer na fala.

Vejam os principais:

Assimilação

Um som influencia outro, tornando-os mais parecidos.

Exemplo: "inverno" pode ser pronunciado "imverno" em algumas regiões.

Metátese:

Inversão de sons dentro da palavra.

Exemplo: "crocodilo" falado como "corcodilo".

Apócope:

Perda de um som no final da palavra.

Exemplo: "verdade" pode virar "verda".

Epêntese:

Acréscimo de um som na palavra.

Exemplo: "príncipe" falado como "pirincipe".

Por fim, tenha em mente que fonética e fonologia estão conectadas e se complementam. E para clarear mais ainda, trago o seguinte esquema:

Aspecto	Fonética	Fonologia
O que estuda?	Produção física dos sons	Função dos sons na língua
Exemplo prático	O som real de "s" em diferentes contextos	O fonema /s/ que pode aparecer em "sapo" e "casa"



Ênfase	Como os sons são formados e percebidos	Como os sons se organizam para criar palavras
--------	--	---

E as consequências práticas deste nível de análise dentro da sala de aula?

Na prática do ensino de língua portuguesa, a análise fonético-fonológica deve trazer para o aluno:

- ✓ Melhoria na pronúncia e a dicção.
- ✓ Diminuição dos ruídos na comunicação causados por diferenças na fala.
- ✓ Facilitação do aprendizado de idiomas estrangeiros.
- ✓ Entendimento das variações linguísticas e regionais.

Nível Morfológico

A **morfologia** é o nível de análise linguística que estuda a *estrutura, formação e classificação das palavras*. Esse estudo permite entender como as palavras são construídas, como se relacionam entre si e como podem ser modificadas para criar significados.

Vejamos então esses três pontos-chave da Morfologia:

▪

Estrutura das Palavras

As palavras são formadas por *unidades mínimas de significado*, chamadas **morfemas**. Cada morfema tem uma função específica na palavra e pode ser classificado conforme seu papel na estrutura da língua.

Os principais morfemas em língua portuguesa são:

Morfema	Descrição	Exemplo
Radical	Parte da palavra que contém o significado básico	"feliz" em "felicidade" e "infeliz"
Afixos Prefixo Sufixo	Elementos que se juntam ao radical para modificar seu significado. Se for antes do radical, é "prefixo"; se for depois do radical, é "sufixo"	"desleal" (des- indica negação). "felicidade" (-dade forma substantivos).



Vogal Temática	Indica a classe gramatical da palavra	"cantar", "bebe", "partir" → As vogais "a", "e" e "i" indicam diferentes conjugações verbais.
Desinências	Indicam gênero, número, tempo ou modo verbal	"menino" / "menina": desinência de gênero "falo" / "falava": desinência verbal de tempo

Note que a estrutura básica de uma palavra pode ser representada assim:

prefixo + radical + sufixo + desinência

Formação das Palavras

A língua portuguesa permite a criação de novas palavras a partir de processos específicos.

Esses processos são chamados de *formação de palavras* e, de forma um pouco mais sistematizada, temos:

Processo	Descrição	Exemplo
Derivação Prefixal	Adição de um prefixo	<i>inútil</i> (prefixo "in-").
Derivação Sufixal	Adição de um sufixo.	<i>alegria</i> (-ia).
Derivação Prefixal e sufixal	Acréscimo de prefixo e sufixo.	<i>infelizmente</i> (prefixo "in-" e sufixo "-mente").
Derivação Parassintética	Prefixo e sufixo inseridos simultaneamente	<i>entardecer</i> (prefixo "en-" e sufixo "-cer")
Derivação Regressiva	Retirada de um morfema, geralmente formando substantivos	vender → venda.
Derivação Imprópria	Mudança da classe gramatical sem alteração da palavra	"o cantar" dos pássaros (verbo "cantar" usado como substantivo).
Composição por justaposição	Os elementos se unem sem alteração	passatempo ("passa" + "tempo").



Composição aglutinação	Por	Há alteração fonética em um dos elementos	planalto (plano + alto).
-------------------------------	------------	---	--------------------------

Classes Gramaticais

As palavras são classificadas de acordo com sua função na língua.

No nível morfológico, analisamos *as dez classes gramaticais*. Elas podem ser divididas em duas: variáveis (mudam de forma, por exemplo em termos de gênero e número) e invariáveis (não flexionam em gênero ou número).

Vejamos:

Classes variáveis	Descrição	Exemplo
Substantivo	Nomeia seres, lugares, objetos.	casa, João
Adjetivo	Caracteriza um substantivo.	bonito, alto
Artigo	Determina ou indetermina um substantivo	o, uma
Numeral	Expressa quantidade ou posição.	dois, primeiro
Pronome	Substitui ou acompanha um substantivo	ele, meu
Verbo	Indica ação, estado ou fenômeno.	correr, estar

Classes invariáveis	Descrição	Exemplo
Advérbio	Modifica um verbo, adjetivo ou outro advérbio	felizmente, muito
Preposição	Liga palavras e estabelece relações	com, de, para
Conjunção	Conecta orações	mas, porque
Interjeição	Expressa emoção.	oh!, uau!.

Pessoal, não se preocupem com os detalhes agora. O foco desta aula é que você compreenda o que compõem cada um dos níveis ok?!



E as consequências práticas deste nível de análise dentro da sala de aula?

Na prática do ensino de língua portuguesa, a análise morfológica deve trazer para o aluno:

- ✓ Melhora na ortografia e na formação de frases coerentes;
- ✓ Facilitação na compreensão do significado das palavras, quando entendemos o significado de prefixos e sufixos, por exemplos

Nível Sintático

A **sintaxe** é a parte da gramática que estuda a *organização das palavras dentro das frases e orações*.

Logo, ela é responsável por:

- ✓ definir *as regras que estruturam um enunciado*
- ✓ estabelecer *relações entre os elementos linguísticos*, garantindo a coesão e a clareza da comunicação.

E dentro do nível sintático, o estudo recai sobre três aspectos: *estrutura das orações* (sujeito, predicado, complementos), *tipos de frases e orações* e *relações sintáticas* (concordância, regência e colocação).

Vejam os que cada aspecto estuda:

Estrutura da Oração

A oração é composta por *termos essenciais*, que são os elementos básicos para a construção de um enunciado com sentido completo.

Os termos essenciais são dois:

- ✓ Sujeito: termo sobre o qual se declara algo na oração
- ✓ Predicado: é o que se declara sobre o sujeito

Para além dos termos essenciais, há os *termos integrantes* da oração, que são aqueles que complementam o sentido dos verbos ou substantivos.

São termos integrantes:

- ✓ Complementos verbais

Objeto Direto: complementa um verbo transitivo sem preposição.

Exemplo: "Eu comprei um livro."

Objeto Indireto: complementa um verbo transitivo com preposição.

Exemplo: "Eu gosto de música."



- ✓ Complementos nominais: complementa um nome dentro da frase

Exemplo: "Tenho dúvida sobre uma questão"

- ✓ Agente da Passiva: indica quem realiza a ação na voz passiva

Exemplo: "O prêmio foi entregue pelos professores."

Relações Sintáticas na Frase

A sintaxe também estuda *as regras que organizam os termos dentro das frases*. E aqui nos debruçamos sobre três grandes pontos:

Relação	Descrição	Exemplo
Concordância	Verbal: O verbo concorda com o sujeito. Nominal: O adjetivo concorda com o substantivo.	"Os alunos <u>estudam</u> ." "As crianças <u>felizes</u> brincam."
Regência	Verbal: Relaciona o verbo e seu complemento. Nominal: Relaciona o substantivo ou adjetivo ao seu complemento.	"Assisti <u>ao filme</u> ." "Sou grato <u>a você</u> ."
Colocação Pronominal	Próclise: Pronome antes do verbo. Ênclise: Pronome depois do verbo. Mesóclise: Pronome no meio do verbo.	" <u>Me</u> disseram que é verdade." "Disseram- <u>me</u> que é verdade." "Dir- <u>se</u> -á a verdade."

Tipos de Orações

As orações podem ser classificadas de acordo com a *função e estrutura*.

Ao olharmos para a *estrutura*, classificamos as orações em:

- ✓ Oração Coordenada:



Independente de outra oração para ter seu entendimento completo.

Exemplo: "Fiz a prova e saí cedo."

✓ Oração subordinada:

Depende de outra oração para que se tenha o entendimento completo.

Exemplo: "... que você venha." (Espero / desejo / não quero)

E para cada uma delas, temos as classificações quanto à *função sintática* que desempenham.

Vejamos:

Estrutura	Função	Exemplo
Coordenação	Aditiva: tem sentido de adição, incluindo ou somando uma ideia à primeira oração Adversativa: tem sentido de oposição, contradizendo a primeira oração Alternativa: tem sentido de alternância, sendo uma alternativa em relação à primeira oração Consecutiva: tem sentido de consequência em relação à primeira oração Explicativa: tem sentido de explicação, sendo uma causa da primeira oração.	"Brincamos muito <u>e</u> rimos mais ainda" "É dura a vida, <u>mas</u> aceitem-na" "Você vai para casa, <u>ou</u> dormirá aqui?" "Lia muitos livros, <u>então</u> me tornei uma pessoa muito criativa." "Comeu muito rápido, <u>porque</u> estava com muita fome."
Subordinação	Substantivas: exercem função de substantivo. Adjetivas: Caracterizam um termo. Adverbiais: Expressam tempo, causa, condição etc.	"Quero <u>que você fique</u> ." "O aluno <u>que estuda</u> passa." "Saí <u>quando terminou a aula</u> ."

E as consequências práticas deste nível de análise dentro da sala de aula?

Na prática do ensino de língua portuguesa, a análise sintática deve trazer para o aluno:

- ✓ Facilidade na escrita, a fim de se evitar ambiguidades;
- ✓ Melhora na clareza na comunicação





(PREF. PORTO ALEGRE / Professor / 2023)

Em relação à Morfossintaxe, à luz do que preconiza Bechara, avalie as assertivas que seguem, assinalando V, se verdadeiras, ou F, se falsas.

- () A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a morfologia e a sintaxe.
- () A rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de ‘formas’, ainda que seja combinação com zero ou ausência de ‘forma’, assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma ‘forma’.
- () É tarefa da morfossintaxe o estudo dos lexemas, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes.

A ordem correta de preenchimentos dos parênteses, de cima para baixo, é

- A) V – V – V.
B) V – V – F.
C) V – F – F.
D) F – F – V.
E) F – F – F..

Comentários:

Vejamos os itens:

- (**V**) Essa é a definição clássica de “Morfossintaxe”.
- (**V**) Falou em forma, estrutura de oração, estamos no campo da Sintaxe.
- (**F**) A tarefa de estudar os lexemas, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes é da *Morfologia*.

Portanto, Gabarito Letra B.

Nível semântico

A *semântica* é o ramo da linguística que estuda o *significado das palavras, expressões e frases* dentro de um idioma.



Esse nível de análise é fundamental para garantir que a comunicação ocorra de forma clara e precisa, pois uma mesma palavra ou expressão pode ter diferentes interpretações dependendo do contexto.

Dentro da semântica, os principais aspectos abordados são:

- ✓ Sentido literal e figurado.
- ✓ Relações entre palavras (sinônimos, antônimos, homônimos etc.).
- ✓ Ambiguidade e polissemia.
- ✓ Inferências e implicações no discurso.

Vejamos esses aspectos:

Sentido Literal e Sentido Figurado

O significado das palavras pode variar conforme o *uso no discurso*.

Vejamos:



Sentido Literal (Denotação)

É o significado *objetivo e direto* da palavra, aquele que encontramos no dicionário.

Exemplo: "O céu está azul hoje."

Aqui, "céu" refere-se literalmente à atmosfera.

Sentido Figurado (Conotação)

É o significado *subjetivo e simbólico*, podendo variar conforme o contexto.

Exemplo: "Ele vive no mundo da lua."

"Mundo da lua" não significa literalmente que a pessoa mora na lua, mas sim que ela é distraída.

Relações Semânticas entre Palavras

As palavras estabelecem *relações de significado* umas com as outras.

Essas relações podem facilitar a compreensão do sentido ou gerar ambiguidades na comunicação.



As principais relações de sentido entre as palavras são:

Relação	Descrição	Exemplo
Sinonímia	Relação entre palavras que têm significados semelhantes	Alegria = felicidade Casa = lar
Antonímia	Relação entre palavras com significados opostos	Claro x escuro Amor x ódio
Homonímia	Palavras com a <i>mesma grafia ou pronúncia</i> , mas com significados diferentes	"Banco" (assento) x "Banco" (instituição financeira).
Paronímia	Palavras <i>parecidas na escrita ou na pronúncia</i> , mas com significados distintos	"Eminente" (importante) x "Iminente" (algo que está para acontecer).

Ambiguidade e Polissemia

Algumas palavras e frases podem gerar diferentes interpretações, dependendo do contexto.

Dizemos que há *ambiguidade*, quando uma frase pode ser entendida de mais de uma forma.

Exemplo: "Vi o João com a câmera."

O João estava com a câmera ou a pessoa que viu João estava com a câmera?

Já a *polissemia* ocorre quando uma palavra possui vários significados, dependendo do contexto.

Exemplo: "A chave do sucesso é a persistência."

Aqui, "chave" significa um elemento essencial, e não um objeto físico que abre portas.

Inferências e Implicações no Discurso

A semântica não trata apenas do significado isolado das palavras, mas também de *como os significados são construídos no discurso*.

Muito importante, então, fazer as distinções destes dois conceitos:

✓ Inferência:

Quando *deduzimos* informações que não estão explícitas na frase.

Exemplo: "João acordou tarde e saiu correndo para o trabalho."

Inferimos que ele estava atrasado, mesmo que isso não tenha sido dito diretamente.



✓ Implicatura:

Quando um falante sugere algo *sem dizer explicitamente*.
Exemplo: "Está meio frio aqui."

O falante pode estar sugerindo que alguém feche a janela ou aumente a temperatura do ambiente.

A semântica está presente em todas as nossas interações e pode impactar a forma como interpretamos e transmitimos mensagens.

Logo, o aluno, ao ser apresentada ao nível semântico de análise, pode:

- ✓ Compreender melhor textos de forma crítica, identificando ambiguidades e ironias.
- ✓ Escolher as palavras mais adequadas para transmitir uma ideia de maneira clara.
- ✓ Evitar mal-entendidos e melhora a comunicação interpessoal.

Nível pragmático

A **pragmática** é a área da linguística que estuda *como a linguagem é utilizada em diferentes contextos sociais*.

Diferente da semântica, que analisa o significado das palavras e frases de maneira mais abstrata, a pragmática se preocupa com *o efeito da comunicação e a intenção dos falantes*.

Nesse sentido, estudamos dentro da pragmática os seguintes aspectos:

- ✓ A intenção comunicativa do falante.
- ✓ O contexto como fator determinante do significado.
- ✓ Atos de fala e implicaturas
- ✓ Relação entre linguagem e interação social.

Vejamos esses aspectos:

O Contexto e a construção do significado

A pragmática enfatiza que *as palavras não têm um significado fixo*. O que realmente importa é **o contexto** em que a comunicação ocorre.

Nesse sentido, o contexto é influenciado por

- ✓ **lugar:** conversar no trabalho exige um tom diferente do que em casa.
- ✓ **interlocutores:** a linguagem muda ao falar com amigos, professores ou desconhecidos.
- ✓ **objetivo da fala:** pedir um favor, argumentar, criticar, elogiar etc.
- ✓ **tom de voz e gestos:** uma mesma frase pode ter sentidos distintos dependendo da entonação.



Por exemplo, a frase "**Parabéns!**" pode expressar um elogio genuíno, mas, se dito com ironia, pode significar exatamente o contrário.

Atos de fala

O filósofo *John Austin* desenvolveu a teoria dos **atos de fala**, mostrando que a linguagem não serve apenas para transmitir informações, mas também para **realizar ações**.

Três são os tipos de atos de fala:

Ato	Descrição
Locucionário	A fala em si, sem considerar seu efeito
Ilocucionário	O objetivo da fala (pedido, ordem, sugestão, etc.).
Perlocucionário	O efeito da fala sobre o ouvinte

Implicaturas e pressuposições

Nem sempre dizemos tudo diretamente. Muitas vezes, deixamos subentendidos que o ouvinte precisa interpretar.

Assim, temos os dois aspectos a serem considerados:

- ✓ **Implicatura:** informação que não foi dita explicitamente, mas que pode ser inferida.

Exemplo: "*João saiu cedo do trabalho hoje.*"

Podemos inferir que ele costuma sair tarde, embora isso não tenha sido dito.

- ✓ **Pressuposição:** algo que já é aceito como verdade na comunicação.

Exemplo: "*Ela parou de fumar.*"

Pressupõe que ela já fumava antes.

Note que a pragmática está presente em todas as interações humanas, influenciando a forma como nos comunicamos. Assim, ela nos auxilia:

- ✓ a interpretar indiretas e sarcasmos.
- ✓ a nos comunicarmos de forma eficiente e respeitosa.



Nível Discursivo

O **nível discursivo** é a camada mais ampla da análise linguística, pois se concentra na *organização dos textos e na interação entre os falantes em diferentes situações comunicativas*.

O discurso não é apenas um conjunto de palavras e frases organizadas de forma gramaticalmente correta, mas um *processo de construção de sentidos* dentro de um contexto social e cultural.

Nesse sentido, estudamos os seguintes aspectos:

- ✓ Estrutura e coerência dos textos.
- ✓ Coesão textual e conectores discursivos
- ✓ Gêneros discursivos e sua função social.
- ✓ O papel do interlocutor na construção do discurso.

O que é discurso?

O discurso pode ser entendido como qualquer *forma de comunicação que envolva a interação entre interlocutores*. Ele pode ser verbal ou não verbal, oral ou escrito, formal ou informal.

Influenciam no discurso: os **interlocutores** (quem fala e para quem se fala), o **contexto** (onde e quando a comunicação acontece) e o **objetivo** (o que se pretende com a comunicação).

Além disso, para que a comunicação aconteça de forma efetiva, mecanismos de coesão e coerências devem ser acionados para garantir continuidade e fluidez.

Gêneros Discursivos: formas de organização do discurso

Os gêneros discursivos são as diferentes *formas de organização da linguagem* para atender a um propósito comunicativo. Cada gênero tem características próprias.

Em geral, dividimos os gêneros em:

Gêneros	Descrição	Exemplo
Narrativo	Conta uma história.	contos, romances
Dissertativo	Expõe uma ideia	redações, artigos
Descritivo	Apresenta características de algo ou alguém	anúncios, perfis
Instrucional	Dá instruções ou orientações	receitas, manuais
Argumentativo	Convence o leitor sobre um ponto de vista.	editoriais, discursos políticos



Note que o estudo do discurso é essencial para *interpretar mensagens corretamente e se comunicar de forma eficaz* em diferentes contextos.

O nível discursivo nos mostra que a comunicação vai além das palavras e frases isoladas. O discurso é construído levando em conta *o contexto, o interlocutor e o objetivo da comunicação*. Compreender essa dinâmica ajuda a produzir e interpretar textos de maneira mais eficaz.

Apenas relembando os ensinamentos de Bakhtin, sabemos que todo texto é uma articulação de discursos, vozes que se materializam, ou seja, a linguagem em uso efetivo. Por isso, o ensino de Língua Portuguesa precisa estimular o “pensar crítico” sobre a realidade, e nesse contexto se insere o uso do gênero textual dissertativo-argumentativo, que estimula e leva o aluno mais próximo da sociedade em que está inserido

Assim, a *eficácia argumentativa* nada mais é do que dar enfoque à característica principal do texto dissertativo-argumentativo: a *exposição de um ponto de vista*, a *defesa de uma ideia*, o *questionamento de um assunto*, a *análise de algum tema*.

Importante que tenhamos em mente o funcionamento da argumentação em sala de aula, pois ela se dá tanto na *produção* quanto na *leitura* de textos.

A maioria dos pedagogos e linguistas entendem a *leitura* implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor. Assim, é possível afirmar que a *eficiência argumentativa na leitura* é aquela que, entre outras características, investiga as intenções de quem produziu o texto.

Para isso, é necessário:

- ✓ investigar as possíveis intenções de quem o produziu;
- ✓ identificar os objetivos e finalidades do texto;
- ✓ interpretar o dito (recorrência, paráfrases) e o não dito (inferências);
- ✓ estabelecer sentidos para o texto.

As ferramentas linguísticas utilizadas para realizar todo esse trabalho são, principalmente:

- ✓ estratégias argumentativas (retóricas e linguísticas);
- ✓ identificação das características linguístico-discursivas do gênero a que pertence o texto.

Quanto à *produção* do texto, seja ele oral ou escrito, deve considerar o papel interacional e sociodiscursivo da fala e da escrita - o que demanda de forma bastante clara o uso de estratégias argumentativas e retóricas.



Estabelecer um diálogo com seu interlocutor de forma explícita, guardadas as características de cada contexto e gênero escolhido, bem como demonstrar as intenções de quem produz o texto só é possível por meio da argumentação.

Assim, para que se estabeleça a *eficiência argumentativa na produção textual*, é necessário:

- ✓ utilização dos elementos e estratégias argumentativas
- ✓ adequação das estratégias ao gênero e ao contexto de produção do texto.

Note, portanto, que eficiência argumentativa está intrinsicamente ligada ao ensino de gêneros textuais, pois ela só será efetiva se houver a compreensão das características intrínsecas a cada gênero, de maneira específica, até mesmo porque é a partir das intenções e objetivos interacionais, do que se deseja para e do interlocutor, que um ou outro gênero de texto é selecionado. Isso já contribui essencialmente para que se tenha uma eficiência argumentativa concreta.

E como utilizar a Eficiência Argumentativa na Análise Linguística?

Quando se fala em “argumentação” em sala de aula e, conseqüentemente na Análise Linguística, a abordagem mais tradicional entendia que o professor tinha o papel de “ensinar o aluno a pensar”. Contudo, sabemos atualmente que tal abordagem não é possível.

Os teóricos mais recentes¹ entendem que o que a Análise Linguística fará é “incentivar o diálogo, criar oportunidades para que os alunos discutam ideias, apresentem suas razões, examinem os critérios utilizados, promovam o exercício de autocorreção, com a finalidade de fazer valer, de forma inteligente e crítica, sua voz no mundo”.

Assim, se no cotidiano do aluno é necessário argumentar, ele deve ser ensinado a reconhecer a importância da argumentação nos mais variados gêneros, bem como identificar as estratégias argumentativas nos textos e usá-las com eficiência em suas produções (orais ou escritas).



(PREF. AMERICANA - SP / Professor de Educação Básica / 2023)

¹ Leve para sua prova nomes como João Wanderley Geraldi, Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi e Eni Orlandi.



Durante décadas, o ensino de Língua Portuguesa desenvolvido em nossas escolas limitou - se à análise e à classificação de termos gramaticais, o que constituía o dialeto de prestígio. Assinale a alternativa que não elenca as mudanças ocorridas no ensino da língua materna:

- A) alterar as práticas didático-pedagógicas do ensino dessa disciplina e, sobretudo, propor uma nova forma de conceber o ensino de Língua Portuguesa.
- B) a linguagem passa a ser concebida como recurso de interação social atrelada a propósitos comunicativos. Essa nova concepção de linguagem provocou diversas alterações na metodologia de ensino da língua.
- C) a língua passa a ser percebida como atividade social em constante uso comunicativo
- D) o uso da língua passa a ser estudado tendo como base textos e discursos, que ocorrem em situações comunicativas do dia – a – dia por meio dos mais diversos gêneros.
- E) a função do ensino da gramática limita-se à estrutura da língua, não se preocupando em abranger o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno..

Comentários:

Note que a Letra E detalha exatamente o antes”, parafraseando a ideia do enunciado de que “o ensino de Língua Portuguesa desenvolvido em nossas escolas limitou - se à análise e à classificação de termos gramaticais”.

Portanto, Gabarito Letra E.



ANÁLISE LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA

No Brasil, a prática de análise linguística como proposta metodológica no ensino de Língua Materna não vem se mostrando tão comum em sala de aula, uma vez que ainda observamos professores ensinando Gramática Tradicional sob a perspectiva normativa da língua.

Outros professores realizam atividades linguísticas que partem do estudo de textos de um determinado gênero textual, contudo, com uma abordagem de análise gramatical tradicional

Por isso, esse um dos principais desafios com certeza é o uso da análise linguística em sala de aula, colocando em segundo plano o ensino de gramática tradicional.

Retomando as habilidades presentes nos PCN (1998), devemos pontuar:

Investigação e compreensão:

- *Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção, recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação das ideias e escolhas, tecnologias disponíveis).*
- *Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial.*
- *Articular as redes de diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita e seus códigos sociais, contextuais e linguísticos.*

Assim, como o ensino de língua materna deve se voltar à reflexão acerca dos usos, a prática de Análise Linguística, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, se mostra como ferramenta essencial.

Essa análise linguística pode ser utilizada pelos alunos *antes* do momento de produção, *durante* ou *depois* dele, de forma mais ou menos integrada aos momentos de escrita/elaboração de textos:

- **Antes da produção:** chamada também de *análise prospectiva*.
Em sala de aula, são atividades dedicadas à leitura ou aos conhecimentos linguísticos. O foco nesta etapa não são os textos dos alunos, mas a leitura de textos diversos. Os alunos adquirem conhecimento sobre recursos e estratégias discursivas que passam a compor o seu rol de conhecimentos linguísticos e habilidades.
- **Durante a produção:** coloca-se em prática os conhecimentos linguísticos e habilidades previamente adquiridos.
Espera-se, nesta etapa, que o aluno consiga identificar (in)adequações dos recursos linguísticos e estratégias discursivas que pretende mobilizar.
Assim, o foco nesta etapa é a análise do texto sob os seguintes aspectos:
 - aquilo que pretende dizer;



- gênero escolhido/solicitado;
- interlocutores, seus papéis sociais e a rede de relações de poder envolvidas;
- finalidades dessa interação verbal específica;
- tom que deseja imprimir ao seu discurso (enfático, conciliador, irônico etc.);

Vamos a um exemplo prático?

Texto proposto: artigo de divulgação científica, destinado a crianças

Questionamentos do aluno durante a produção:

Qual o grau de aprofundamento do tema a ser tratado?

Como “traduzir” para esses leitores os conceitos mais complexos? É possível o uso de paráfrases, analogias, exemplos, desenhos esquemáticos etc.?

Que estratégias de envolvimento do leitor usar?

O que deve ser explicado, como explicar e textualizar?

Todos esses questionamentos que vão surgindo no aluno ao longo da produção serão ferramentas para que o professor possa guiar as aulas.

➤ **Depois da produção:** chamada também de *análise retrospectiva*.

É a devolutiva dos textos, já lidos e comentados pelo professor ou por outros avaliadores ou revisores (alunos, grupos de alunos, outras pessoas).

O foco nesta etapa é o aprimoramento da técnica e dos conhecimentos pelo aluno.

Lembre-se: indicar que há um problema em determinado trecho não é o mesmo que tornar saliente, ou seja, deixar aparente para o aluno o problema textual.

Exemplo: Ao invés de indicar apenas “problema de coesão” na margem da folha, é preciso delimitar especificamente a sua natureza (uso indevido de pontuação, conjunção, modo/ tempo verbal, falta de paralelismo etc)

Os processos de revisão ou refação do texto podem estar presentes nesta etapa.

Contudo, em sala de aula, percebemos alguns questionamentos, em especial relacionados ao professor, que devem ser sanados:

- A Análise Linguística é um novo jeito de ensinar gramática?
- É uma proposta completamente nova?
- Em que momento é ensinada a gramática?

Tais questionamentos são sanados pelo conhecimento sobre o que diz a teoria da Análise Linguística, vistos ao longo desta aula.



Por fim, reforçamos a importância do texto escrito pelo aluno, pois é ele que fornecerá ao professor as maiores dificuldades do aluno, além de consolidar o trabalho com leitura e oralidade

Assim, em convergência com as competências e habilidades dos PCNs, o ponto de partida é o trabalho da linguagem a partir de seu conceito, para, em seguida, trazer a metalinguagem (ensino da gramática, por exemplo).

Leve para sua prova que :

A prática de análise linguística é uma **aliada do professor**, já que a aprendizagem ocorre sobre o uso efetivo da língua, nos vários contextos sociais, buscando desenvolver nos alunos a competência linguística necessária - objetivo central das aulas de língua materna.

Além disso, ela pode ser de grande importância para ampliar a apropriação, **por parte dos alunos**, das habilidades e dos conhecimentos necessários para rever e aprimorar as suas produções.

Os **impactos** das práticas de análise linguística sobre a qualidade dos textos produzidos na escola são proporcionais à natureza reflexiva de tais atividades: ao induzir os alunos a perceberem os efeitos e/ou as regularidades dos usos linguísticos, contribui-se para que sintam a sua língua, cada vez mais sua.



(PREF. RIO DAS ANTAS-SC / PROFESSOR / 2018)

Assinale a alternativa correta sobre análise linguística e o ensino da língua materna.

- A) Na prática da análise linguística, o aluno, além de saber aspectos estruturais e sistemáticos da língua, deve dominar a terminologia gramatical para poder usá-la com propriedade.
- B) Para trabalhar com análise linguística, o professor precisa levar o aluno a três reflexões: 1. ações com a linguagem (epilinguísticas); 2. ações da linguagem (atividades da linguagem), 3. ações sobre a linguagem (metalinguísticas).
- C) Fazer Análise Linguística em sala de aula é trabalhar com a língua; abordá-la do ponto de vista descritivo e prescritivo.
- D) Tomada no viés que considera a linguagem como uma forma de interação, a prática de Análise Linguística (AL) assume também um caráter dialógico, voltado aos sentidos do texto e aos significados produzidos pelas situações de interação. Partindo desse pressuposto, é viável tratar essa prática em um contexto fragmentado e isolado das demais práticas discursivas, já que a AL complementa a fragmentação e o isolamento.
- E) O ensino de língua portuguesa, ancorado na concepção de linguagem como atividade interativa, organiza-se em três práticas; uma delas é a análise linguística que se volta para os aspectos sistemáticos da língua e não para a terminologia gramatical com que a denominamos.

Comentários:

Vejamos as alternativas:



- (A) **ERRADA**. O processo é o inverso: NÃO é “dominar a terminologia gramatical para poder usá-la com propriedade”, e sim usar a língua para ter domínio da gramática.
- (B) **ERRADA**. As ações metalinguísticas são consequência das demais.
- (C) **ERRADA**. A Análise Linguística parte do uso e da interação com a língua, sem a abordagem prescritiva.
- (D) **ERRADA**. Análise Linguística não é uma prática isolada ou fragmentada.
- (E) **CERTA**. Este é processo da Análise Linguística: usar a língua para ter domínio da gramática. Portanto, gabarito Letra E

Compreendidas as bases que dão sustentação à Análise Linguística em sala de aula, vamos treinar.



HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Compreender um idioma transcende o mero domínio de suas regras gramaticais ou a amplitude de seu léxico; implica, fundamentalmente, *reconhecer a língua como um organismo vivo, dinâmico*, um espelho multifacetado da cultura, da história e das interações sociais dos povos que a falam e a transformam continuamente.

A língua portuguesa, com sua vasta diáspora geográfica e suas ricas variações, constitui um patrimônio cultural de valor inestimável, cujo percurso evolutivo nos convida a uma investigação aprofundada.

Faremos, pois, um *estudo diacrônico*, essencial para compreendermos:



Nosso objetivo central é traçar um panorama abrangente desse percurso histórico linguístico. Para tanto, exploraremos as diferentes fases evolutivas da língua, desde o período pré-românico na Península Ibérica, passando pela influência do Latim, a emergência do galego-português medieval, a diferenciação do português arcaico, a consolidação do português clássico durante as Grandes Navegações, até chegarmos às especificidades do português moderno e contemporâneo, com especial atenção à formação do português brasileiro.

Identificaremos, ao longo desse trajeto, os principais marcos históricos, as características linguísticas distintivas de cada fase e as contribuições de autores e obras que não apenas utilizaram a língua, mas também refletiram sobre ela, como cronistas, poetas e, posteriormente, gramáticos e linguistas.

Resumindo, as fases que estudaremos da Língua Portuguesa são:





Vejamos como pode vir na sua prova:



Pref. Turilândia / Professor de Português / 2024

A transformação do latim para o português, historicamente, deu-se por meio de inúmeras imigrações pelos falantes entre os continentes, além de outros fatores. Marque a alternativa acerca do período de evolução da língua portuguesa, na ordem respectivamente correta.

- A) Pré-Românico, Românico, Português Arcaico, Galego-Português, Português Clássico e Moderno;
- B) Português Arcaico, Pré-Românico, Românico, Galego-Português, Português Clássico e Moderno;
- C) Pré-Românico, Românico, Galego-Português, Português Arcaico, Português Clássico e Moderno;
- D) Galego-Português, Português Arcaico, Português Clássico e Moderno, Pré-Românico, Românico;
- E) Português Arcaico, Português Clássico e Moderno, Pré-Românico, Românico; Galego-Português.

Comentários:

Vendo a evolução histórica da língua portuguesa, desde suas origens no latim até o português moderno, temos uma na sequência cronológica dos períodos de desenvolvimento da língua: *Pré-Românico, Românico, Galego-Português, Português Arcaico, Português Clássico e Moderno*.

Portanto, Gabarito Letra C.

Raízes latinas e Contexto íbero-românico

A chegada dos romanos, iniciada por volta do século III a.C. com as Guerras Púnicas contra Cartago, não representou apenas uma conquista militar, mas o início de um profundo processo de transformação cultural e linguística que marcaria indelevelmente o destino da região.

Antes da dominação romana, a Península era habitada por uma diversidade de povos, como os Iberos, Celtas, Lusitanos, Tartéssios, entre outros, cada qual com *suas línguas e dialetos próprios*. Embora vestígios dessas línguas pré-romanas possam ser encontrados em alguns topônimos e em raras palavras incorporadas ao



léxico posterior, sua *influência* sobre a estrutura fundamental do idioma que viria a se formar *foi relativamente limitada* diante da força avassaladora do Latim.

O processo de Romanização da Península Ibérica foi *gradual*, mas profundo. A imposição do Latim Vulgar como língua da administração, do exército, do comércio e, posteriormente, da Igreja Cristã, aliada à construção de cidades, estradas e outras infraestruturas, levou ao progressivo abandono das línguas autóctones e à adoção do Latim pela população local. Essa adoção, contudo, não foi uniforme.

O *Latim falado na Ibéria já incorporava certas particularidades*, influenciado talvez pelo substrato linguístico pré-romano e pelas características próprias da fala dos colonizadores que para lá se dirigiram. Era o início da diferenciação do Latim peninsular.

Com a crise e a fragmentação do Império Romano do Ocidente a partir do século V d.C., a Península Ibérica sofreu invasões de povos germânicos, como Suevos, Vândalos e, principalmente, Visigodos, que estabeleceram um reino duradouro na região. Embora os Visigodos tenham adotado o Latim e o Cristianismo, sua presença introduziu alguns elementos germânicos no léxico (palavras ligadas à guerra, vestuário, nomes próprios como Rodrigo, Fernando) e pode ter contribuído para acelerar certas tendências evolutivas já presentes no Latim Vulgar local.

A *unidade linguística* imposta por Roma começou a se diluir e o Latim falado em cada região do antigo império passou a seguir trajetórias evolutivas cada vez mais distintas, permitindo o surgimento das futuras línguas românicas, entre elas, o galego-português.

Note que o português, e as línguas românicas (ou neolatinas), nasceu do latim disseminado pelas legiões, colonos, comerciantes e administradores romanos, ou seja, do *Latim Vulgar*. E qual a diferença do Latim Clássico?

Leve para sua prova que:

Latim Clássico:

- *língua imortalizada nas obras literárias (Cícero, Virgílio e Horácio), era a língua literária, culta, utilizada na escrita formal, na oratória e pela elite intelectual e administrativa;*
- *caracterizado por uma gramática complexa, rica em declinações e conjugações;*
- *vocabulário vasto e preciso.*

Latim Vulgar:

- *modalidade linguística do cotidiano da maioria da população do Império, incluindo os soldados e colonos que interagiam diretamente com os povos conquistados;*
- *língua falada nas ruas, nos mercados, nos acampamentos militares*
- *maior simplicidade gramatical (com tendência à perda das declinações e ao uso de preposições)*
- *vocabulário mais concreto e expressivo;*
- *natureza predominantemente oral (mais suscetível a variações regionais e a mudanças ao longo do tempo).*



Galego-português

A desagregação do poder central romano e as subsequentes invasões germânicas criaram um novo mosaico político e social na Península Ibérica. No entanto, um evento de impacto ainda maior reconfiguraria drasticamente esse cenário: a *invasão muçulmana*, iniciada em 711 d.C.

A rápida conquista de quase toda a Península pelos *mouros* confinou os núcleos de resistência cristã às regiões montanhosas do norte, como as Astúrias, Cantábria e os Pirenéus. Foi a partir desses núcleos que se iniciou o longo processo da *Reconquista Cristã*, um movimento militar, político e religioso que se estenderia por séculos e desempenharia um papel crucial na configuração linguística da Península.

À medida que os reinos cristãos (Leão, Castela, Navarra, Aragão e, posteriormente, Portugal) se expandiam para o sul, o Latim Vulgar falado nessas diferentes regiões, já em processo de diferenciação, continuava sua evolução de forma cada vez mais independente.

No noroeste da Península, na região da antiga Galécia romana, que abrangia a atual Galiza (Espanha) e o norte de Portugal, desenvolveu-se uma modalidade linguística românica particular, conhecida pelos linguistas como *galego-português*. Esse idioma, que nasceu aproximadamente entre os séculos VIII/IX e meados do século XIV, é considerado o berço comum tanto do galego moderno quanto do português.

O galego-português ganhou prestígio como língua literária, especialmente durante os séculos XII e XIII. Esse período testemunhou o surgimento de uma rica produção lírica, as *Cantigas Medievais*, que representam os primeiros testemunhos consistentes da língua e uma das mais importantes manifestações literárias da Europa medieval.

Do *ponto de vista linguístico*, o galego-português apresentava características que o distinguiam de outros falares românicos peninsulares, como o castelhano.

Foneticamente, por exemplo, preservou as vogais finais átonas -e e -o (diferente do castelhano que muitas vezes as eliminava), manteve ditongos como /ow/ e /ej/ (que se monotongariam mais tarde em português, mas se mantiveram em galego), e não apresentou a ditongação de /ɛ/ e /ɔ/ tônicos latinos que ocorreu em castelhano.

Exemplo:

(Latim) *ferrum* > ferro (galego-português)

hierro (castelhano);

(Latim) *portam* > porta (galego-português)

Puerta (castelhano).



No *léxico*, além da base latina, já se observava a incorporação de elementos germânicos e alguns arabismos, reflexo das interações culturais da época.

Português arcaico

O século XIV marca um ponto de inflexão crucial na história da língua falada no território que viria a ser Portugal. Fatores políticos e culturais convergiram para promover uma crescente diferenciação entre o falar galego, ao norte do Rio Minho, e o falar português, ao sul.

A consolidação de Portugal como um reino independente, com uma corte e uma administração próprias, especialmente sob a Dinastia de Avis (iniciada em 1385 com a Batalha de Aljubarrota), *fortaleceu a identidade nacional e*, consequentemente, *linguística*. Lisboa, como capital e centro político, econômico e cultural, passou a exercer uma influência normativa crescente sobre a língua, distanciando-a progressivamente do seu berço galego.

Este período, que se estende aproximadamente do século XIV até meados do século XVI, é conhecido como o período do *Português Arcaico*. É uma *fase de transição*, em que a língua começa a adquirir traços mais definidos que a caracterizarão como português, embora ainda conserve muitas características do galego-português medieval.

As mudanças não foram abruptas, mas graduais, refletindo a evolução natural do idioma em um novo contexto sociopolítico.

Do *ponto de vista fonológico*, observam-se transformações significativas.

Por exemplo, os ditongos decrescentes /ow/ e /ej/, comuns no galego-português (e ainda presentes no galego moderno), começam a monotongar-se em /o/ e /e/ fechados, respectivamente:

Exemplo:

touro > toro [pronúncia com 'o' fechado],

feito > feto [pronúncia com 'e' fechado]

Ocorrem também alterações no sistema consonantal, como a palatalização de grupos como /pl/, /kl/, /fl/ iniciais para /ʃ/ (ch), um fenômeno partilhado com o castelhano, mas distinto do galego.

Exemplo:

pluvia > chuva

clave > chave



flamma > chama),

A nasalização das vogais, uma característica marcante do português, também se consolida neste período.

Na **morfossintaxe**, o português arcaico ainda exibía alguma flutuação, mas tendências importantes se firmavam, como a simplificação do sistema de casos herdado do latim (já em curso no latim vulgar) e a fixação da ordem dos constituintes na frase.

O **léxico** continuava a se enriquecer, absorvendo palavras de diversas origens, reflexo das crescentes interações comerciais e culturais de Portugal.

Se a lírica trovadoresca marcou o galego-português, o português arcaico viu o florescimento da prosa historiográfica e doutrinária. A figura central deste período é, sem dúvida, **Fernão Lopes** (c. 1380/1390 – c. 1460), considerado o “pai da historiografia portuguesa”.

Nomeado cronista-mor do reino por D. Duarte, Lopes redigiu crônicas monumentais sobre os reinados de D. Pedro I, D. Fernando e, principalmente, D. João I.

Obras como a Crônica de D. João I são documentos linguísticos preciosos, que nos permitem observar a língua em plena fase de transição e consolidação. Além das crônicas, textos de caráter religioso, jurídico e técnico também contribuem para o conhecimento do português arcaico. Este período, portanto, representa a afirmação do português como língua autônoma, preparando o terreno para a fase seguinte, a do português clássico, que coincidiria com a expansão marítima portuguesa.

Português Clássico

O século XVI inaugura uma fase de esplendor para Portugal e, conseqüentemente, para sua língua. É o **período das Grandes Navegações**, da expansão ultramarina que levou os portugueses a estabelecerem rotas comerciais e colônias na África, Ásia e América, e da consolidação de um vasto império.

Esse contexto de efervescência histórica, aliado à influência dos ideais humanistas e renascentistas que chegavam da Itália, propiciou o desenvolvimento do chamado **Português Clássico** (aproximadamente de meados do século XVI ao final do século XVII).

Esta fase é frequentemente associada à figura monumental de **Luís Vaz de Camões** (c. 1524 – 1580), cuja obra épica “Os Lusíadas” (1572) não apenas narra os feitos heroicos dos navegadores portugueses, mas também eleva a língua portuguesa a um novo patamar de expressividade, riqueza lexical e sofisticação estilística, tornando-se um modelo canônico para gerações futuras.

O Português Clássico caracteriza-se por **maior estabilidade e normatização** em relação ao período arcaico.



As **mudanças fonéticas e morfológicas** que vinham ocorrendo nos séculos anteriores tendem a se consolidar.

A **sintaxe** torna-se mais complexa e elaborada, influenciada pelos modelos latinos redescobertos pelo Renascimento, buscando a clareza, a harmonia e a elegância na construção frasal.

O **léxico** expande-se enormemente, absorvendo não apenas latinismos e helenismos eruditos, trazidos pelo Humanismo, mas também um vasto contingente de palavras oriundas das línguas dos povos contatados nas navegações – **termos do tupi, do quimbundo, do árabe, do persa, do malaio, do sânscrito**, entre outros, que designavam novas realidades da fauna, flora, costumes e produtos encontrados além-mar. Essa capacidade de incorporação lexical demonstra a vitalidade da língua e sua adaptação aos novos horizontes geográficos e culturais.

Além de Camões, outros autores contribuíram significativamente para a literatura e a consolidação do Português Clássico, como **Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, António Ferreira e Gil Vicente** (este último, embora transitando entre o português arcaico e o clássico, e utilizando também o castelhano em sua obra teatral).

Foi também neste período que surgiram as **primeiras tentativas de sistematização e descrição gramatical da língua portuguesa**. Destacam-se a “Grammatica da Lingoagem Portuguesa” (1536) de Fernão de Oliveira, considerada a primeira gramática da língua, e a “Gramática da Língua Portuguesa” (1540) de João de Barros, inserida em um projeto pedagógico mais amplo.

Essas obras, embora ainda influenciadas pelo modelo da gramática latina, representam um marco fundamental no processo de autoconsciência e normatização do idioma, buscando estabelecer regras para o bem falar e escrever, refletindo o prestígio que a língua alcançava como veículo de uma cultura que se afirmava na Europa e no mundo.

A expansão marítima, ao mesmo tempo que consolidava o Português Clássico como língua do império, também semeava as bases para sua futura diversificação. O contato prolongado com outras línguas e realidades nos territórios coloniais iniciaria **processos de adaptação e crioulização**, levando ao surgimento de variedades ultramarinas do português, cada qual com suas especificidades, um tema que exploraremos com mais detalhe ao abordarmos a formação do português brasileiro.

A Era Clássica, portanto, representa um **momento de apogeu normativo e literário**, mas também o ponto de partida para a complexa diáspora da língua portuguesa.

Português Moderno

Após o esplendor do período clássico, a língua portuguesa adentrou a Era Moderna (aproximadamente do século XVIII ao início do século XX) sob a influência de novas correntes culturais, filosóficas e políticas que varriam a Europa. O **Iluminismo**, com seu culto à razão e à clareza, e a crescente influência cultural da França, especialmente durante o século XVIII, deixaram marcas significativas no idioma.



O **vocabulário** português enriqueceu-se com numerosos galicismos (empréstimos do francês), não apenas no campo das ideias e das artes, mas também na moda, na culinária e na administração. Essa **influência francesa**, por vezes vista como excessiva por puristas, gerou debates sobre a identidade e a pureza da língua.

Do **ponto de vista literário e estilístico**, o século XVIII foi marcado pelo Neoclassicismo (ou Arcadismo), que buscava retomar os modelos greco-latinos e os ideais de equilíbrio e simplicidade, em reação aos excessos percebidos no Barroco (que caracterizou o final do período clássico). Autores como Bocage, Tomás António Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa buscaram uma **linguagem mais contida e formal**, embora a influência do português clássico, especialmente de Camões, permanecesse forte.

Surgiram também importantes trabalhos de **lexicografia e gramática normativa**, refletindo a preocupação iluminista com a sistematização do conhecimento. **Dicionários** como o de Raphael

Bluteau ("Vocabulario Portuguez e Latino", 1712-1728) e gramáticas como a de António José dos Reis Lobato buscaram fixar o uso e estabelecer padrões.

O século XIX trouxe novas transformações com o advento do Romantismo e, posteriormente, do Realismo e do Naturalismo. O Romantismo, valorizando a expressão individual, o sentimento, a história nacional e a cultura popular, contribuiu para uma **maior flexibilidade da língua e para a incorporação de regionalismos** e termos considerados menos eruditos. Autores como Almeida Garrett e Alexandre Herculano em Portugal, e Gonçalves Dias e José de Alencar no Brasil exploraram novas possibilidades expressivas.

O Realismo e o Naturalismo, por sua vez, buscaram uma representação mais objetiva e fiel da realidade social, o que se refletiu em uma **linguagem mais direta** e, por vezes, na **incorporação da**

fala coloquial e de jargões específicos de determinados grupos sociais, como se observa na obra de Eça de Queirós em Portugal.

Foi também durante o século XIX e início do XX que se intensificaram os esforços para a **modernização e uniformização ortográfica** da língua portuguesa. A ortografia, até então bastante caótica e etimológica (presa às origens latinas das palavras), passou a ser objeto de debates e propostas de reforma que visavam simplificá-la e aproximá-la da pronúncia. Figuras como Gonçalves Viana em Portugal desempenharam um papel crucial nesse processo, culminando nas reformas ortográficas do início do século XX, que estabeleceram as bases da ortografia moderna, embora a busca por uma unificação completa entre Portugal e Brasil permanecesse um desafio.

O Português Moderno, portanto, é um **período de transição**, marcado pela influência de novas ideias, pela consolidação de uma norma culta mais estável, mas também pelo início de uma maior consciência das variedades da língua e pelos primeiros passos rumo a uma modernização ortográfica.



A Formação do Português Brasileiro

A história da língua portuguesa no Brasil é um capítulo fascinante e complexo, marcado por um *processo singular de adaptação, miscigenação e inovação*.

Desde a chegada dos colonizadores portugueses em 1500, o idioma transplantado iniciou uma trajetória própria, influenciado profundamente pelo contato com as línguas indígenas nativas, pelas diversas línguas africanas trazidas com o tráfico de escravizados e, posteriormente, pelas línguas de outros grupos de imigrantes.

Como bem aponta Rosa Virgínia Mattos e Silva, a formação do português brasileiro (PB) não foi uma mera derivação do português europeu (PE), mas um processo distinto, *moldado por condições sociais, históricas e demográficas específicas*.

Nos primeiros séculos de colonização, o cenário linguístico do Brasil era de intenso multilinguismo. O português convivia com centenas de línguas indígenas, sendo o Tupi Antigo (ou língua brasílica) a mais difundida ao longo da costa, servindo inclusive de base para a criação de "línguas gerais" (como a Língua Geral Paulista e a Língua Geral Amazônica ou Nheengatu) utilizadas como veículo de comunicação entre indígenas, colonos e missionários.

A *influência indígena* no léxico do PB é vastíssima, especialmente em nomes de lugares (topônimos como Ipanema, Piratininga), animais (capivara, jacaré, tucano) e plantas (mandioca, abacaxi, caju), mas também em alguns aspectos culturais e fonéticos, embora estes últimos sejam mais debatidos.

Paralelamente, a introdução massiva de africanos escravizados, oriundos de diversas regiões e falando uma miríade de línguas (principalmente do tronco Banto, como o quimbundo e o quicongo, e do tronco Níger-Congo, como o iorubá e o fon), representou outra fonte crucial de influência. O *contato linguístico* nos engenhos, fazendas e centros urbanos levou à incorporação de inúmeros africanismos no léxico do PB, abrangendo áreas como culinária (vatapá, acarajé, quiabo), música e dança (samba, maxixe, maracatu), religião (candomblé, orixá, axé), vestuário (miçanga, tanga) e termos do cotidiano (cafuné, moleque, quitanda).

Além do léxico, discute-se a *influência africana* em aspectos fonéticos (como a redução de ditongos e a pronúncia de certas consoantes) e morfosintáticos (como a simplificação de concordâncias e o uso de construções específicas), temas ainda em investigação pela sociolinguística histórica.

Ao longo do século XVIII, políticas da Coroa Portuguesa, como as reformas pombalinas que *proibiram o uso das línguas gerais* e impuseram o português como língua oficial de ensino e administração, aceleraram o *processo de lusitanização*. No entanto, o português que se consolidava no Brasil já carregava as marcas indeléveis desses contatos.

A chegada da Corte Real portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808 e a posterior Independência em 1822 reforçaram o status do português, mas também acentuaram as diferenças em relação à variedade europeia, que continuava sua própria evolução.



O século XIX viu o surgimento de uma literatura genuinamente brasileira, com autores como José de Alencar buscando retratar a realidade local e, por vezes, incorporar elementos da fala brasileira em suas obras (o chamado "indianismo" e "regionalismo").

No século XX, o Modernismo brasileiro, com figuras como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, rompeu definitivamente com os padrões portugueses, defendendo o direito a uma "língua brasileira", mais coloquial, dinâmica e representativa da identidade nacional.

Linguistas como Antenor Nascentes e Mattoso Câmara Jr. dedicaram-se ao estudo sistemático das características do PB, identificando diferenças fonéticas (vogais pré-tônicas mais abertas, ritmo mais silábico), morfossintáticas (uso do pronome "você" generalizado, colocação pronominal mais livre, uso de gerúndio em construções progressivas) e lexicais em relação ao PE.

Hoje, o Português Brasileiro é a variedade do português com o maior número de falantes nativos, apresentando também uma rica diversidade interna (dialetos regionais).

Embora compartilhe a estrutura fundamental com o Português Europeu, suas particularidades refletem uma história única de formação, marcada pela convergência de povos e culturas em solo americano.



Pref. Pinheiro / Professor de Português / 2024

Aponte a alternativa que descreve corretamente a formação histórica da língua portuguesa:

- A) A língua portuguesa se originou exclusivamente do latim vulgar.
- B) A língua portuguesa é uma derivação direta do grego antigo.
- C) A língua portuguesa evoluiu diretamente do latim clássico.
- D) A língua portuguesa se formou a partir da mistura de latim vulgar com línguas germânicas e árabes.

Comentários:

Pelo que vimos ao longo da aula, a língua portuguesa moderna teve influência ao longo da história de várias outras línguas e dialetos, em especial, o latim vulgar, o árabe e as línguas germânicas – tudo isso em virtude de conquistas desses povos sobre as terras da Península Ibérica.

Portanto, Gabarito Letra D.

Pref. Turilândia / Professor de Português / 2024

Sobre a História da Língua Portuguesa, leia atentamente as proposições abaixo e faça o que se pede:

- I. Ao conjunto dos falares diversos dos povos vencidos e conquistados, cuja língua se infiltrou na do povo vencedor, intitula-se superestrato linguístico.



II. O estudo das influências linguísticas sofridas pelo latim, no processo da dialeção, considera-se o substrato como o elemento mais importante, especialmente pelo processo de adaptação imperfeita da base física da fonação materna ao novo idioma a ser aprendido.

III. As migrações mais importantes das tribos germânicas foram as dos vândalos, alanos, visigodos, burgundos, alamanos entre outros. Na Península Ibérica, os suevos fixaram-se na Galiza e em parte da Lusitânia e fundaram mais tarde um reino absorvido pelos visigodos.

IV. Os árabes, povo de origem semita, invadiram a Península Ibérica no século VIII e sua dominação durou sete séculos. Mais de duas mil palavras de origem árabe estão no léxico do português.

Estão CORRETAS apenas as proposições:

A) I, II, III e IV

B) II, III

C) I e II

D) III e IV

E) II, III, IV.

Comentários:

Vejamos os itens:

I. (F) A afirmativa confunde os conceitos de *substrato* e *superestrato*.

Substrato linguístico: é a influência exercida pela língua dos povos conquistados sobre a língua dos conquistadores. Por exemplo, as línguas pré-romanas faladas na Península Ibérica (como o lusitano, celtibérico, etc.) influenciaram o latim vulgar falado pelos romanos conquistadores.

Superestrato linguístico: é a influência da língua dos conquistadores sobre a dos povos conquistados sem substituí-la totalmente, como ocorreu com a presença dos germânicos ou árabes na Península.

II. (V) Exatamente! Os povos submetidos ao Império Romano, ao passarem a falar o latim vulgar, o faziam com interferências de sua língua nativa. Essas interferências fonológicas, morfológicas e sintáticas — devido à base física e articulatória da língua materna — influenciaram a formação dos futuros romances (português, espanhol, francês, etc.).

III. (V) Os povos germânicos que invadiram o Império Romano no período das chamadas invasões bárbaras realmente incluíram os suevos, visigodos, vândalos, alanos, entre outros.

Os suevos, especificamente, se fixaram na Galícia e norte da Lusitânia, e fundaram um reino que posteriormente foi incorporado ao reino visigótico. Essa ocupação deixou marcas culturais e alguns elementos lexicais e fonéticos no português primitivo.

IV. (V) A invasão árabe da Península Ibérica em 711 d.C. marcou um período de aproximadamente sete séculos de dominação em diferentes regiões.

Essa presença resultou numa profunda influência lexical no português, com mais de 2.000 palavras (geralmente ligadas à agricultura, ciência, arquitetura, administração e cotidiano), como: alface, almofada, alicate, arroz, açúcar, aldeia, etc.

Portanto, Gabarito Letra E.



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.